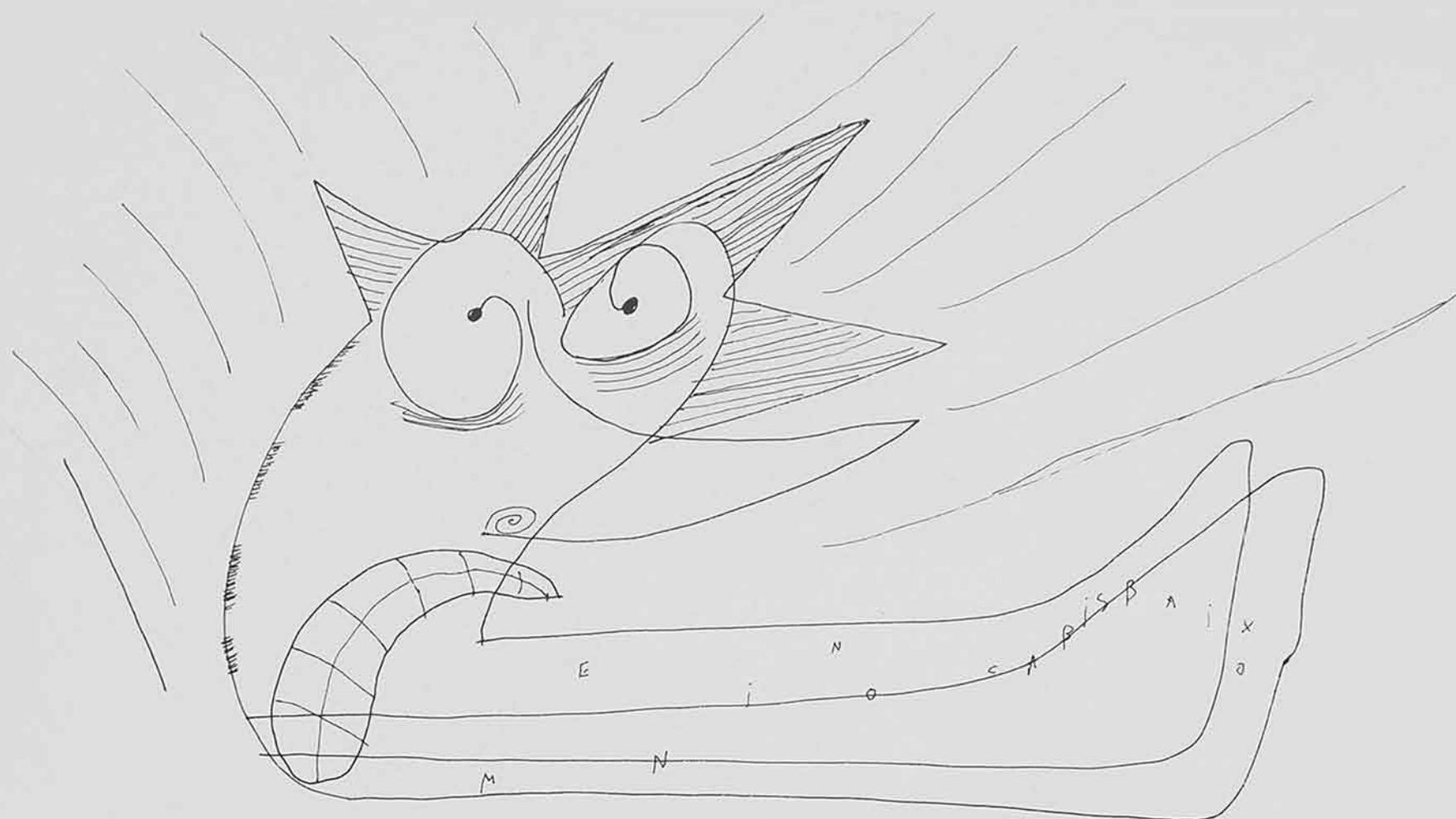


SUPLEMENTO

Belo Horizonte, Maio/Junho 2012
Edição nº 1.342
Secretaria de Estado de Cultura



Horaleida 32/33/96

U Um dos mais importantes escritores — e jornalistas — mineiros que na década de 60 do século passado se mudaram para São Paulo em busca de campos então mais amplos para suas atividades, Ivan Angelo, nascido em Barbacena (MG), fala, neste número, de sua já sólida obra de contos, romances e crônicas, e de sua vida, em entrevista ao repórter João Pombo Barile. O mesmo repórter mostra parte da obra da artista Dudude, que há 40 anos vem mostrando sua dança nas praças públicas de Belo Horizonte, numa experiência radical agora condensada em livro.

O gaúcho Sergio Faraco provoca novo naufrágio ao Titanic, mostrando que o famoso transatlântico acabou no fundo do mar, há 100 anos, em virtude de tantos erros náuticos quanto os literários apontados no livro aqui criticado.

A literatura infantil está também representada através do ensaio do escritor Hugo Almeida sobre a obra de Stella Maris Rezende. Neomisia Silvestre e Michele Prado apresentam o universo das histórias em quadrinho.

O conto se faz presente através de trabalhos de Luiz Ruffato — num exercício literário de estilo medieval —, Cunha de Leiradella, Sônia Peçanha e Tércia Montenegro, que foi a vencedora, na categoria ficção, do Prêmio Governo de Minas Gerais 2010. A poesia comparece na tradução dos versos do Nobel de 1992, Derek Walcott, feita por Rodrigo Garcia Lopes, na amostra do livro de estreia do poeta mineiro Mário Alex Rosa e em quatro poemas de Paulinho Assunção. E uma revista que fez história na imprensa brasileira, *Senhor*, tem aqui sua importância registrada.

Por fim, treze anos após sua morte, aos 22, quando sua arte ainda começava a mostrar seu esplendor, os traços cada vez mais vivos de Pedro Moraleida vêm enriquecer nossa capa através do desenho “O menino cabisbaixo”, um dos muitos trabalhos inéditos que deixou.

SUPLEMENTO



Capa: Pedro Moraleida

Governador do Estado de Minas Gerais
Secretário de Estado de Cultura
Superintendente do SLMG
Diretor de Apoio Técnico
Diretor de Articulação e Promoção Literária
Projeto Gráfico e Direção de Arte
Diagramação
Conselho Editorial
Equipe de Apoio
Jornalista Responsável

Antonio Augusto Junho Anastasia
Eliane Parreiras
Jaime Prado Gouvêa
Fabrício Marques
João Pombo Barile
Plínio Fernandes – Traço Leal
Carol Luz
Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza, Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, Ana Maria Leite Pereira, André Luiz Martins dos Santos e Mariane Macedo Nunes (estagiária)
Fabrício Marques – JP 04663 MG

**Textos assinados são de
responsabilidade dos autores**

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo
30130-180 – Belo Horizonte, MG
Fone/Fax: 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br

UMA FESTA EM **disuir** **dinã**

IVAN ANGELO CONVERSA COM JOÃO POMBO BARILE

Sem alarde nem semostração, Ivan Angelo vem construindo há mais de meio século uma das obras mais interessantes da literatura brasileira do nosso tempo.

Mineiro de Barbacena, onde nasceu em 1936, ele está em livro desde 1961, quando lançou *Duas faces*, volume que reuniu sete contos seus e duas novelas do também estreante Silviano Santiago. Os dois faziam parte do grupo que, na segunda metade dos anos 1950, lançou em Belo Horizonte os quatro números da revista *Complemento* — nome pelo qual ficaria conhecida uma federação de talentos multidisciplinares que, longe de se aplicarem apenas à literatura, se interessaram também por outras artes: o cinema, o teatro, a dança, as artes plásticas. Dela fizeram parte, entre outros, um grande renovador da dança no Brasil, Klauss Vianna, e Ezequiel Neves, a quem caberia no futuro o papel de mentor de grupos de rock como o Barão Vermelho.

Jornalista desde cedo, Ivan Angelo mudou-se para São Paulo no final de 1965, como integrante da primeira equipe do legendário *Jornal da Tarde*, publicação que ajudaria a renovar o texto e o visual da imprensa brasileira.

Traduzido para o inglês, o francês, o espanhol e o alemão, Ivan Angelo por duas vezes ganhou o prestigioso prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) de romance, com *A festa* (1975) e *Amor?* (1995). Sucesso de crítica e de vendas, *A festa* lhe valeu também o prêmio Jabuti, que ele voltaria a ganhar com os contos de *A face horrível* (1986) e o romance juvenil *Pode me beijar se quiser* (1997). É autor, ainda, das cinco novelas de *A casa de vidro* (1979) e de vários livros de literatura infantil. Cronista da revista *Veja São Paulo* desde 1999, Ivan Angelo já publicou, nesse gênero, duas coletâneas impecáveis: *Melhores crônicas* (2007) e *Certos homens* (2011).

Você nasceu em Barbacena e cedo se mudou para Belo Horizonte. No colégio, gostava de contar histórias. Foi ali que começou a se aproximar da literatura?

Nasci em Barbacena na época em que ela carregava a fama de cidade dos loucos. Os moradores pegaram um pouco dessa fama. Como diz o Ariano Suassuna falando da família dele, achavam que o barbacenense que não era doido pegava pedra pro doido jogar. A fama veio da colônia de doentes mentais que havia lá, chegou a ter cinco mil internos. Um Carandiru de doidos. Vinham doidos do Brasil inteiro, as famílias largavam lá. Acho que essa colônia só foi desativada no fim dos anos de 1970. Não fiquei lá pra ver, saí da cidade com um ano, quer dizer, meus pais se mudaram para Belo Horizonte, mas a fama dos barbacenenses me acompanhou no grupo escolar e no ginásio, que eram as duas fases do ensino fundamental. Comecei a contar histórias na época do curso primário. Contava os contos fantásticos que ouvia e lia no grupo para uma plateia de primos, irmãos e vizinhos. Histórias do Tesouro da Juventude e dos livros da biblioteca do grupo escolar. Quando estava maiorzinho, no ginásio, acho que isso hoje corresponde à sexta, sétima e oitava séries, não contava mais histórias. Líamos e decorávamos muita poesia dramática, muitos trechos antológicos de boa literatura.



E quando foi que começou a escrever?

Com doze, treze anos já começava a escrever umas bobagens para o jornalzinho do ginásio. Minhas leituras tinham se encaminhado para romances de aventuras e policiais. No ensino médio, que era o colégio, já estava em outra, buscava as histórias como literatura, começava a considerar as palavras no mesmo plano da história. A gente era bem pobre, comecei a trabalhar aos treze anos, como contínuo numa repartição pública federal. Éramos oito irmãos, eu era o terceiro, os filhos mais velhos tinham de ajudar em casa. Eu ficava só com uma pequena parte do dinheiro, mas dava para eu comprar meus próprios livros e ir ao cinema. Em 1950, tinha quatorze para quinze anos, comprei à prestação a obra completa de Machado de Assis, da editora Jackson, 31 volumes encadernados de capa verde. Costumava ir

a duas sessões de cinema no sábado e a três no domingo. Lia tudo sobre cinema. Colecionava críticas, histórias. Tive muito bons professores de português no ginásio e no colégio. Orientado por eles e eu mesmo fuçando o sebo do Amadeu li muita coisa boa. Na repartição onde eu trabalhava tinha um colega também interessado em literatura, a gente se estimulava traduzindo contistas e poetas americanos e ingleses, Cummings, Auden, Eliot, Carson McCullers, Virginia Woolf, um mostrava para o outro a tradução. Também mandávamos contos para concursos, cheguei a ganhar alguns prêmios e menções honrosas no concurso da prefeitura. O Kleber, esse meu colega, ganhou um concurso da *Tribuna da Imprensa*, com um conto que tinha um título em inglês, *Welcome o' life*, tirado do James Joyce.

Mais adiante, com *Duas faces*, você estreou em livro.

Antes de falar de *Duas Faces*, vou tentar me lembrar como foi que eu conheci o pessoal de *Complemento*. Éramos de bairros e colégios diferentes e depois de faculdades diferentes. Mas na Belo Horizonte daquele tempo, de 300 mil habitantes, todos os caminhos levavam para o Centro. Pessoas de interesse comum fatalmente se cruzavam. Na repartição onde eu trabalhava havia um estudioso de filosofia que estudava na Faculdade de Filosofia e era irmão do Frederico Moraes, que trabalhava na seção de livros de arte da Livraria Oscar Nicolai e frequentava o Centro de Estudos Cinematográficos, CEC. No colégio onde eu estudava, o Anchieta, conheci o Flávio Pinto Vieira, que se dedicava a estudos de cinema. Toda a turma que veio a lançar a revista



Complemento frequentava o CEC e estudava cinema. A revista praticamente nasceu lá. Eu também entrei para o CEC, não sei quando, 1955 talvez. O Jacques do Prado Brandão foi quem liderou a fundação do CEC, em 1952.

Um ferredouro de ideias do qual muitos ainda se lembram...

O CEC convidava ensaístas de fora, promovia ciclos de filmes autorais e de debates, Belo Horizonte se tornou um importante núcleo de estudos de cinema naquele tempo. Intelectuais de várias gerações e jornalistas se encontravam no CEC, o Cyro Siqueira, o Fritz Teixeira de Salles, o João Etienne Filho, o Edmur Fonseca, nós, todo mundo era do CEC. E quase todo mundo frequentava à tarde a esquina da Livraria Rex, na Praça Sete. Essa esquina reunia uma fauna muito interessante,

com vários grupinhos. Um de literatura e cinema, um de teatro, um de khrishnamurtianos, um de estudos políticos, com o Mauro Santayana e o Sebastião Nery, um de pintores, tinha até um de física. Um tira do Dops ficava sapeando as turmas. Alguém, acho que foi o Mauro Santayana, fez um círculo de giz no lugar onde o cara costumava ficar e escreveu em letras grandes: "TIRA". Foi o Kleber, da minha repartição, quem me apresentou ao pessoal da esquina. Isso foi por volta de 1956, quando saiu o primeiro número da *Complemento*. O Kleber os conhecia mas não frequentava.

E foi ali que você se enturmou...

Encontrei minha turma. Não vou citar todos para não esquecer alguém, mas os de encontro diário, de conversas e boemia eram o Silvano Santiago, poeta e contista, Heitor

Martins, poeta e ensaísta, Ezequiel Neves, contista, Maurício Gomes Leite, crítico de cinema, Frederico Moraes, crítico de arte, Flávio Pinto Vieira, crítico de cinema, Carlos Kroeber, diretor de teatro, João Marschner, cenógrafo e crítico de teatro, Teothonio Júnior, poeta e ator – era muita gente, e a turma foi crescendo, agregando o pessoal da música, do balé de Klauss Vianna, das artes plásticas, do jornalismo, da sociologia. *Complemento* deixou de ser apenas uma revista, virou *um modo de ser*, um estilo. O pessoal tomava conta de um bar, de uma plateia, de uma estreia. Pode parecer pretensioso, mas pode ser visto assim, à distância. Era um modo de ser na cidade, uma forma grupal de contestar e pensar e fazer. Eu escrevia contos, em 1956 comecei também a trabalhar em jornal, no *Diário da Tarde*, levado pelo Cyro Siqueira.

Quando foi que escreveu os contos que seriam publicados em *Duas faces*?

Entre 56 e 59 escrevi os contos com os quais concorri ao Prêmio Cidade de Belo Horizonte, em 1959, e ganhei. O livro se chamava *Homem sofrendo no quarto*, nome de um dos contos. O livro não foi publicado, o prêmio tinha importância mas acabava sendo só uma distinção, um estímulo, nem dinheiro não dava, naquela época. O Silviano Santiago também tinha duas novelas que pretendia publicar, e então propusemos à editora Itatiaia juntar os trabalhos dos dois num volume só e publicar. Acho que a ideia foi do Heitor Martins, que dava assessoria editorial para a Itatiaia. A condição da editora foi vendermos antecipadamente 200 exemplares, e então nos publicaria sem risco de prejuízo. Demorou, mas chegamos aos 200 exemplares. Foi assim que nasceu *Duas Faces*, em 1961, com o qual nos lançamos na carreira de autores publicados.

Depois veio a mudança para São Paulo, onde você vive desde então.

Só fui para São Paulo no final de 1965. Depois de *Duas Faces* ainda fiquei em Belo Horizonte quatro anos. Fazendo o quê? Trabalhando em jornais e para jornais, em revistas, em televisão, em publicidade. Foi *Diário da Tarde*, *Estado de Minas*, *Correio de Minas*, *Diário de Minas*, revista *Alterosa* da época do Roberto Drummond, TV Itacolomi, revista *Três Tempos*, Asa Publicidade, do Hélio Faria e Edgard Melo. A Geração Complemento começou a se dispersar por volta de 1962, para cidades maiores, desafios maiores, dinheiros melhores, para dar cursos de literatura brasileira no exterior, mas atrás de nós já vinham surgindo gerações de novos com gente muito talentosa, como *Ptyx*, *Estória*, *Vereda*, *Texto*. O paizão dessas turmas era o Murilo Rubião, com quem andávamos também em gostosa camaradagem. Naquela época eu vi um filme de Fellini, *A trapaça*, no qual havia uma festa, e a câmara se metia no meio dos participantes, não havia uma narração tradicional, destacando personagens. Do jeito que eu via, a personagem era a festa naquela sequência. Então tive a ideia de fazer um romance meio joyceano, usando a dinâmica da festa como centro do romance. Primeiro apresentaria os personagens principais em contos separados. Essa parte se chamaria “Antes da festa”. Na segunda parte, essa que eu chamei de joyceana, viria a festa. Comecei a escrever os contos da primeira parte, e já havia escrito acho que três quando veio o golpe de Estado que implantou a ditadura militar e a censura. Aí ficou complicado escrever literatura, me baixou um desânimo, e parei o romance. Mais um ano, e me chamaram para trabalhar no *Jornal da Tarde*, em São Paulo. Fui ganhando três vezes mais do que ganhava em três empregos em Beagá.

Como foi a experiência de trabalhar no *Jornal da Tarde* dos primeiros tempos? A sua literatura não ficou prejudicada?

Era um jornal extremamente criativo, extremamente desafiador e compensador para toda a equipe. O trabalho se tornou muito absorvente, por um lado, e a censura militar na área das artes muito inibidora, por outro lado, e aí não tive ânimo para mexer com literatura. Só em 1972, em plena escuridão do governo Médici, voltei a pensar em escrever. Nesse ano eu fiz uma viagem à Europa e a liberdade que havia lá, de

manifestação política e tudo mais, foi uma humilhação para mim e uma iluminação. A fama do Brasil lá fora era horrorosa. Antes do golpe militar era chamado folcloricamente de república dos papagaios, depois do golpe virou república do pau-de-arara. Reencontrei em Roma, exilado, meu amigo Fernando Gabeira, amigo das noites de Belo Horizonte, fui até padrinho de casamento dele, e ele queria saber como era a resistência dos artistas ao regime aqui no Brasil. A partir daí eu passei a procurar um jeito de sair do impasse, escrever apesar da censura, falar de nós e trabalhar com a linguagem.

Quando foi que você retomou o livro que viria a ser *A festa*?

Retomei *A festa* no ano seguinte ao da minha volta da Europa. Mudei o projeto, acrescentando uma terceira parte, “Depois da festa”. Então o livro seria assim: antes da festa, a festa, depois da festa. Nas duas primeiras haveria um clima enganoso de liberdade, as pessoas vivendo o seu dia a dia, preparando-se para uma festa. Na última parte apareceria a violência e a repressão. Enquanto fui escrevendo, o livro foi-se mexendo, mudou durante os três anos que levou o trabalho. Não podia trabalhar constante por causa do jornal. Aí ficou assim a estrutura: apresentação dos personagens em contos completos; mixagem dos personagens em um capítulo chamado “Antes da Festa”, e o final, “Depois da Festa”, com todo o desencadear da repressão, o que eu chamei em subtítulo de “índice dos destinos”. No processo de criação eliminei a festa, que era onde eu desenvolveria a escrita mais radical. O próprio livro explica essa última mudança, numa conversa que introduzi, entre o autor e o primeiro leitor. Como jornalista, eu sabia os limites necessários para escapar da censura. Trabalhei ali, no limite. Mesmo assim, duas editoras maiores recusaram o livro, em 1975. Publiquei o romance na pequena editora Vertente, em 76. Foi bom, teve menos visibilidade no começo. Mas logo estourou em crítica e venda, ganhou o prêmio Jabuti. Foi um dos primeiros a abordar o tema da repressão pós-68.

Depois vieram as novelas de *A casa de vidro*. Você já disse que escreveu o livro para “corrigir algumas coisas” que estavam em *A festa*. Coisas que eram “inerentes do brasileiro e não apenas culpa da ditadura”.

Não sei se foi exatamente “para corrigir”, mas com certeza foi uma das intenções aprofundar o tema da violência institucionalizada no Brasil. Considero o livro um avanço sobre *A festa*, avanço temático e estrutural. *A casa de vidro* é um livro de estrutura mais aberta, o rigor da composição aparece depois de lido todo ele. É também um livro mais implacável. Coloquei um subtítulo, “cinco histórias do Brasil”, para levar o leitor a pensar na história do Brasil. Uma das intenções do livro é permitir ao leitor reinterpretar a violência e a crueldade brasileiras. *A festa* pode não ter deixado isso muito claro, por isso falei em corrigir algumas interpretações. Quero dizer a interpretação de que essa crueldade teve origem na ditadura militar. Quando é o contrário: ela se escancarou com o regime militar, aqueles militares não nasceram do nada, foram fruto da nossa cultura, foram junguianamente brasileiros, nós os formamos e os botamos no poder. No livro, as crueldades já aparecem no período



colonial. O interessante é que inicialmente o subtítulo do livro era “cinco histórias inseparáveis”. Era para dar uma ideia de estrutura, da construção do livro, intenção presente também nas epígrafes de cada história, sempre do mesmo “autor”, em português arcaico. O “autor” e os textos eu tinha inventado para a última história. Sugeriria que o livro poderia ser lido como um romance não tradicional, tinha uma estrutura, um romance em que o leitor não acompanharia as peripécias de um herói, acompanharia um tema, o da opressão. Então, ao mudar o subtítulo eu privilegiei a visão histórica.

Da sua produção para o público infanto-juvenil, você costuma destacar *Pode me beijar se quiser*. Nele, você abandona a temática urbana e escreve um livro que se passa no campo e que, entre outros temas, trata da morte, da loucura e do preconceito. O que ele significa dentro da sua obra?

Eu gosto dos livros que foram feitos com rigor, e esse foi. Repare que é também um romance estruturado sobre contos perfeitamente acabados, com princípio, meio e fim. Porque contos, ao fim e ao cabo, como diziam os ibéricos antigos, são recortes do romance geral da vida. São treze histórias, entre a prisão e a liberdade de um passarinho, que se fecham no fim. Grandes autores estrangeiros e nacionais escreveram histórias que poderiam ser lidas por jovens sem descuidar do rigor da linguagem. Foi o que eu procurei fazer, escrevi esse livro para jovens de 9 a 90 anos. Usei o meio rural para evitar o ruído urbano no meio do texto, para fazer sobressair os grandes sentimentos humanos, a ira, a loucura, a falsidade, a amizade, a solidariedade, o amor juvenil, o caráter. Além de ganhar prêmios, é um dos meus livros mais bem-sucedidos comercialmente. Não escrevo livros pensando em vendas, mas quando vendem não acho mal. Quando você escreve pensando em vendas, você tende a servir ao público; quando não, você não faz concessões, não facilita, faz aquilo em que você acredita e para o que se preparou.

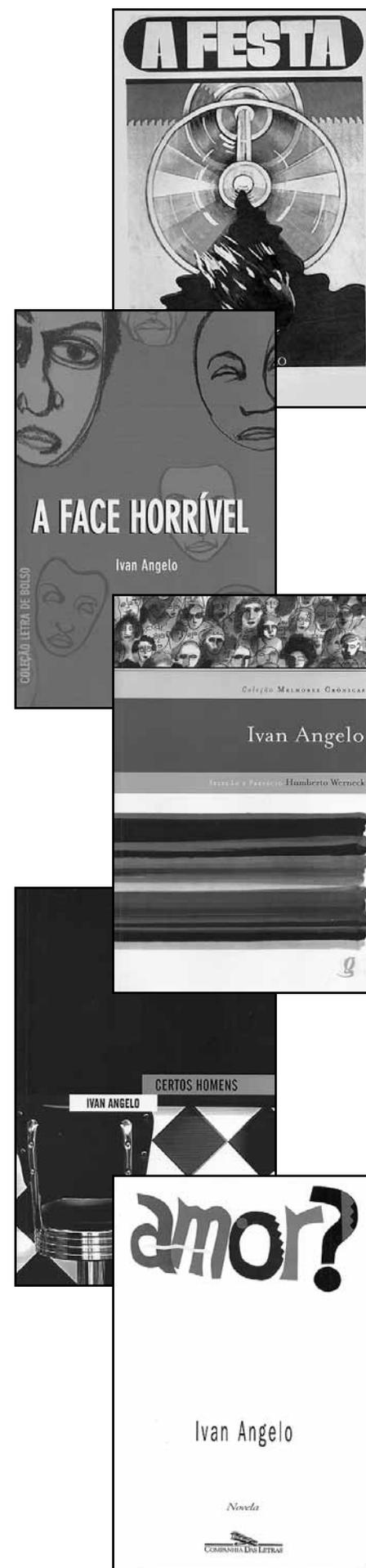
Você tem uma grande preocupação em combater o lugar-comum na linguagem.

Oscar Wilde dizia que criar um lugar-comum é ter gênio, usar um lugar-comum é ser medíocre. Sempre achei que é obrigação do escritor escrever bem, contribuir para a renovação e ampliação da sua língua

nacional, para a inovação dos meios e formas de expressão, para pôr em andamento as forças criativas da sociedade, fazer avançar comportamentos, opor-se a atrasos, a preconceitos. O lugar-comum é o contrário de tudo isso, no nível pequenininho da frase. O lugar-comum é conservador, é retórico, é o que já era. Não digo que devemos jogar fora o patrimônio da língua, mas devemos usá-lo criativamente e fugir das soluções fáceis, que já vêm prontas.

Para encerrar: o que é para você a crônica, gênero ao qual vem se dedicando há tantos anos?

Gosto da liberdade da crônica. Ela tem a liberdade da poesia. Um poema pode ser uma evocação, contar um caso, defender uma ideia, expor um sentimento, apresentar um recorte do cotidiano, meditar sobre o mundo, pintar um retrato... Muda de tom e de voz, fala na primeira pessoa, na terceira pessoa... Tudo é permitido, menos a grandiloquência e a pompa, que nem a crônica nem o leitor digerem bem. A consideração de uma crônica, julgar se é literatura ou não, deve corresponder à atitude ou à intenção de quem a escreveu. Quer dizer, se o autor trabalha sua crônica como um poeta trabalha seu poema ou um contista trabalha seu conto, isto é, se trabalha com apuro na linguagem, na invenção, na originalidade, se dedica a ela caprichos de acabamento, por que não considerá-la literatura, julgá-la como literatura, tanto quanto um soneto? As crônicas que selecionei para o meu último livro, *Certos homens*, foram escritas com essa atitude. Nos jornais e nas revistas as crônicas dialogam com o leitor sobre o cotidiano em que ele e o autor vivem, vão ser descartadas. No livro, elas passam a dialogar com o leitor sobre a arte da escrita, ele comprou o livro para guardar, pôr na estante. Por que os blogueiros e os poetas de internet querem publicar em livro? Porque o livro é o lugar aonde vão buscar textos os que se interessam pela arte da escrita.



POEMAS DEDICADOS

MANUAL PARA UM
MATAR FINGIDO*para ademar assunção*

um leitor você pode derrubá-lo (ou assustá-lo),
pode até matá-lo com o tiro de uma frase,
com a adaga cega de um acento grave,
com o tijolo de um ponto final.

tal delito: fazê-lo ou não fazê-lo? melhor
não cometê-lo, quem sabe só ameaçá-lo,
vésperas de um assassinato de puro fingimento,
dissimulado gesto que se faz de murro, de soco,
mas é só a casca do que há por baixo
de um delicado afago.

afagar o leitor: também é aconselhável,
chumaço de algodão no mel lambuzado,
linha de um novelo pleno de açúcar,
assovio na madrugada, um farol
como acento circunflexo, um tesouro
na caixa aberta de um vocábulo.

matar o leitor então só em efígie, trazê-lo
meio morto à superfície, empurrá-lo
cova abaixo, enredá-lo em cipó,
jogá-lo ao lamaçal,
depois puxá-lo com o anzol
de um sol dentro de uma brusca
imagem.

ALFRED JARRY JÁ
NÃO MORA AQUI*para jaime prado gouvêa*

daqui a cem anos, quando meus ossos
forem o pó de um adobe velho, e a sílaba
que persegui for a sanfona de um músico

cego, em algum bar, em alguma esquina,
no ermo de um beco-abismo, sob um poste
em lodo de um bairro pífilo, sei que a ninfa

das horas mortas, cantora de fados
e boleros, ninfa sem nome, contralto
ou soprano, sei que essa ninfa, faminta,

ao cavar a noite com seus dedos finos,
verá do céu a queda de um meteoro,
verá do céu o risco cadente de um corisco,

e tão em júbilo, tão em êxtase, dirá comigo
o que eu disse há um século: a poesia, amigo,
não é um adereço sobre o umbigo.

NOTICIÁRIO DA VIDA PLANA

para humberto werneck

dia ímpar, dia par, ela vinha atrás
de uns tragos na mesa ao fundo da cantina
(um cummings, um beckett, um ponge
numa sacola, cartas jamais enviadas
dentro da bolsa velha).

ela vinha, abria
passagem por entre a rapaziada
de vida plana e sentava-se à mesa
para reinventar a bomba atômica:
doses duplas de puro malte
e uns amendoins como obuses.

tinha o tamanho da edith piaf, os lábios
da catherine deneuve, uns restos
de filosofia no ângulo líquido dos olhos. ah,
se belo horizonte fosse dublin,
se belo horizonte fosse san francisco.
fumava com a mão esquerda, com
a direita ela escondia o rosto.

tudo o que dela sabíamos era o nome
de santa na carteira de identidade.
nunca nos disse um bom-dia, nunca
nos disse um boa-noite, nunca
deixou para trás a dívida de cada dia.

perto de uma semana santa, chovia
para os lados do mercado. uns mendigos
beats, com mofo e flores nas sacolas,
deram a notícia: o caminhão vinha,
ela ia, pelos declives da augusta de lima.
tinha 33 anos e dizem que era poeta.

POEMA COM JEITO DE CANIVETE

para sebastião múltiplos nunes

poesia eu faço como quero, com mel
ou ácido, com faca ou martelo.

não venha o senhor com o seu chinelo,
não venha o senhor com o seu bedelho.

poesia eu faço como quero, para baixo
ou para cima, compasso marcado a *parabellum*,
com o dedo bem posto no gatilho.

gatilho.

de aço ou de cera, de plástico ou madeira, no
fundo tanto faz a matéria do gatilho, o certo
é que faço poesia como quero, não venha
então o senhor com lero-lero.

lero-lero.

a goma de uma fala com cincerro, com jeito
de chamar vaca e bezerro, isto não, poesia
eu faço como quero, não venha o senhor
com o seu ponteiro, ponteiro não funciona
em meu relógio.

PAULINHO ASSUNÇÃO

mineiro de São Gotardo, tem 10 livros publicados, entre poesia, ficção, biografia, crônica e infanto-juvenil. Ganhou os prêmios Cidade de Belo Horizonte (1983), com *Diário do mudo* (poesia), e Guimarães Rosa (1998), com *Pequeno tratado sobre as ilusões* (contos).



Puerto San Julián, 13 de setembro de 1520

Estimada esposa, estimados filhos,

Provavelmente nunca irão ler essas linhas, mas se as escrevo é porque desejo explicar as razões do meu ato, por muitos considerado covarde, de me ter aliado aos capitães Luís Mendoza e Gaspar de Quesada, numa rebelião contra as ordens do capitão-general Fernão de Magalhães.

Quando zarpamos, há um ano, de Sanlúcar de Barrameda, nada sabíamos sobre o fim de nossa expedição. Fomos informados apenas, nos poucos encontros preparatórios, que buscaríamos alcançar as Ilhas das Especiarias³ velejando rumo a oeste. Após uma escala em Santa Cruz de la Palma, passamos ao largo do Cabo Verde e costeamos a Guiné, iniciando então a interminável travessia do Mar Oceano⁴, dois meses e meio em águas nem sempre amigáveis, nem sempre hostis. Avistamos enormes baleias e por vezes até mesmo acreditamos observar estranhos animais marinhos, fruto talvez do tédio e da solidão, que arrefecem a maior das camaradagens. No mais, o azul do céu se confundia com o azul das águas, as brancas nuvens com a branca espuma das ondas⁵.

Finalmente, no dia 13 de dezembro aportamos na Baía de Santa Lúcia⁶, cuja beleza, prova incontestemente do grandioso projeto de Deus, nos maravilhou. Após descansar e reabastecer as naus com água e víveres,

retomamos a viagem. Penetramos então numa caudalosa enseada, que, segundo o capitão-general, baseado nos estudos de seu compatriota português, Rui Faleiro, seria uma ligação entre o Mar Oceano e o Mar do Sul⁷, caminho natural para as Ilhas das Especiarias. No entanto, mais avançávamos mais se estreitava o leito, por se tratar, evidentemente, de um rio⁸, um erro primário que nos causou terríveis problemas junto aos tripulantes, que perderam o pouco de confiança que ainda restava na capacidade de condução do nosso capitão-general.

Quando, no dia 31 de março, à revelia de nossos protestos, o capitão-general resolveu fundear, durante todo o inverno, numa baía de falésias altas e mar tumultuoso⁹, a revolta entre os marujos se alastrou. No Domingo de Páscoa, aproveitando o silêncio e a escuridão da noite, subimos a bordo da nau San Antonio, do comando da qual eu havia sido destituído¹⁰, e aprisionamos o capitão Álvaro de Mesquita. Com o apoio dos capitães Luís Mendoza, da nau Victória, Gaspar de Quesada, da nau Concepción, e Sebastián Elcano, que assumira o controle da nau San Antonio, enviamos um parlamentar à nau Trinidad, solicitando respeitosamente que o capitão-general consultasse-nos para elaborarmos conjuntamente uma nova rota em direção às Ilhas das Especiarias, preocupados que estávamos com o futuro do nosso empreendimento.

O que se seguiu, então, foi uma sucessão de traições, que demonstram o caráter autoritário e vil do capitão-general. Deslealmente, apoderou-se do escaler do parlamentar e designou cinco pessoas de confiança que, sem ensejar qualquer negociação, invadiram a nau Victória e cortaram a garganta do comandante Luís Mendoza. Outros quinze homens, liderados por Duarte Barbosa, conquistaram o navio, assumindo seu controle. Para evitar mais derramamento de sangue, já que em situações assim a tripulação, recrutada entre homens de bem, mas também entre bandidos da pior espécie, se dissolve em massa indomável, nos rendemos, contando com a benevolência do capitão-general. Ele, entretanto, deixou aflorar sua sede de vingança, ordenando a execução do capitão Gaspar de Quesada, que, desafortunadamente, reagira com violência ao contra-ataque de Mestre Floriaga, ferindo-o de morte, quando da tomada da nau San Antonio, e condenando a mim e ao bondoso Padre Reina ao desterro neste ponto perdido do Mar Oceano, rodeados pela famigerada tribo dos índios dos pés grandes¹¹.

Dificilmente irei revê-la, minha doce esposa, e revê-los, amados filhos, mas quero deixar aqui registrado, confiando no juízo da posteridade, esse relato fiel acerca dos desmandos do capitão-general Fernão de Magalhães, sua inabilidade na condução dos subordinados, sua imperícia na compreensão dos mais elementares princípios de cosmografia e navegação. Talvez não sobreviva, mas minha satisfação é saber que se o mar é grande, e enorme a ambição humana, maior ainda a sabedoria divina. A essa hora, caso os tripulantes não tenham se sublevado contra o capitão-general e estejam voltando a esse porto seguro, as naus podem já ter sucumbido às tempestades e tormentas que se avizinham¹².

Laus dei!¹³

Juan de Cartagena, esposo fiel, pai extremado.

- 1 Esta carta nunca chegou a seus destinatários. Colocada numa garrafa e lançada ao mar, levou-a a Corrente das Malvinas até a região de Arraial do Cabo, sudeste do Brasil. Resgatada, em algum momento foi encaminhada ao Museu Oceanográfico de Cabo Frio, estado do Rio de Janeiro, onde hoje se encontra.
- 2 Responsável pela tradução do espanhol, adaptação para o português corrente e notas de rodapé.
- 3 Correspondem hoje às Ilhas Molucas do Norte, província da Indonésia.
- 4 Nome pelo qual era conhecido o Oceano Atlântico.
- 5 Baía da Guanabara, onde se situa atualmente a cidade do Rio de Janeiro, Brasil.
- 6 Oceano Pacífico.
- 7 Rio da Prata.
- 8 Puerto San Julián.
- 9 Episódio ocorrido durante a travessia do Oceano Atlântico, no qual Juan de Cartagena, devido a atos de insubordinação, foi inicialmente posto a ferros, e, mais tarde, deixado à guarda do capitão Luís Mendoza.
- 10 Chamados "patagões", por causa de seus pés enormes. Daí a origem do nome Patagônia, terra dos patagões.
- 11 Ao contrário do vaticínio de Juan de Cartagena, a viagem teve prosseguimento, não sem inúmeros contratemplos. Antes de descobrir, no dia 1º de novembro de 1520, o estreito que leva seu nome, e que liga as águas do Oceano Atlântico e do Oceano Pacífico, Fernão de Magalhães viu o naufrágio da nau Santiago e enfrentou a deserção dos tripulantes da nau San Antonio. Com os três navios restantes alcançou, em março de 1521, as Ilhas dos Ladrões (Ilhas Marianas), tendo sido morto, em 27 de abril, por nativos da ilha de Mactán, nas Filipinas. Sebastián Elcano, que tomara parte no motim em Puerto San Julián, e fora perdoado, assume o comando da frota. Após afundar a nau Trinidad e incendiar a nau Concepción, retoma a viagem de volta à Espanha com a nau Victória. No dia 18 de maio dobra o Cabo da Boa Esperança e no dia 5 de setembro chega finalmente a Sanlúcar de Barrameda, com apenas 18 dos 250 tripulantes que iniciaram a expedição.
- 12 Em louvor de Deus.

LUIZ RUFFATO

mineiro de Cataguases, é o autor do romance *Eles eram muitos cavalos* e da pentalogia *Inferno provisório*, publicada pela Editora Record.



Desenho deixado na "Caixa do Andarilho"

A DANÇA NAS PÁGINAS E NAS PRAÇAS DO MUNDO
JOÃO POMBO BARRILE

DUDUDEE



O poeta Ezra Pound disse que “os artistas são a antena da raça”. O achado do poeta norte-americano sintetiza, de maneira definitiva, a capacidade que os grandes artistas têm de conseguir prever para que lado vai o mundo.

A frase de Pound bem poderia servir de epígrafe para uma futura biografia de Dudude. Como definir esta mineira que há mais de duas décadas agita a vida cultural da cidade às vezes tão morninha e provinciana? Bailarina? Coreógrafa? Diretora de espetáculos? Professora de dança? Improvisadora? Dudude não se preocupa com rótulos. Parece não se ligar em definições.

“Difícil dizer quando comecei a me interessar pela dança. Uma coisa legal é que ela surgiu na minha vida por acaso: minhas irmãs entraram para o balé, (por recomendações médicas),

e eu fiquei com uma vontade esquisita de ir junto”, rememora a artista numa tentativa de explicar como começou a se interessar por arte. “Até que um dia criei coragem. E pedi para minha mãe me levar também para dançar. Nunca mais parei”.

Dudude tinha então apenas dez anos de idade. De lá para cá, passaram-se quarenta anos. A menina cresceu. E nesse tempo trabalhou com pessoas importantes da dança brasileira como Marilene Martins, Klauss Vianna, Angel Vianna, Hugo Rodas, Graziela Figueroa, Denilton Gomes, Betina Belomo, e Fredy Romero. A artista se diverte ao lembrar-se de tanta gente que faz parte de sua vida. E que inclui ainda nomes como os dos diretores Eid Ribeiro, Adyr Assumpção, Chico Pelúcio e Paulo José.

Mas é mesmo dos tempos do Festival de Inverno que ela mais gosta de falar. Aí os seus olhos brilham. E a fala dispara. “Sabe, uma

coisa que realmente mudou minha vida foi ter participado daqueles festivais. Eles foram essenciais na minha formação como artista. Lembro que ficava doida pra chegar a época de ir para Ouro Preto: ali eu estava por conta da criação”, afirma, saudososa.

Depois de integrar o Grupo Transforma, que ajudaria a formar nomes importantes da dança contemporânea brasileira nos anos 1970, Dudude criaria, em 1992, a Benvinda Cia. de Dança (que funcionaria até março de 2007) e seu próprio estúdio EDH, em 1994. O espaço duraria até junho de 2009. E se transformaria num marco.

Seriam 16 anos que mudariam a geografia da dança no país, colocando Belo Horizonte definitivamente no circuito da dança contemporânea nacional. “Foi realmente um período importante da minha vida, mas acabou. As pessoas às vezes me perguntam por quê. E eu respondo sempre a mesma coisa: a Benvinda e

DUDUDE

**CADERNO
DE NOTAÇÕES
A POÉTICA
DO MOVIMENTO
NO ESPAÇO
DE FORA
BOOK
OF NOTATIONS
THE POETICS
OF MOVEMENT
IN THE OUTERNESS**

a EDH não acabaram. Desapareceram”, ironiza. Para, em seguida, acrescentar. “As verdades são temporárias”.

Comemorando, neste 2012, quarenta anos de carreira, Dudude acaba de lançar o livro *Caderno de notas – A poética do movimento no espaço de fora*. Um catatau de 300 páginas, que reúne aforismos e poemas da artista. Além de textos críticos assinados por Cássia Navas, Luiz Carlos Garrocho, Marcos Hill, Joacélio Batista, Juliana Saúde e Marcelo Kraiser. Será que ela virou escritora? Dudude ironiza: “Escritora? Não. Eu sou é escrevedora”.

O livro é o resultado de uma pesquisa iniciada ainda em 2000. Depois de uma temporada de estudos na França, a convite de Josef Nadj, diretor do Centro Coreográfico de Orleans, e viabilizado pelo Programa Bolsa Virtuouse-MINC, ela resolveu transformar a praça em sua sala de dança. “Sempre achei impressionante a maneira com que nos relacionamos com o espaço público. Muito diferente com que os europeus se relacionam. As pessoas aqui parecem não gostar de praça”, analisa.

Assim, durante um ano, de fevereiro de 2003 a março de 2004, os bancos da Praça de Santa Tereza se transformaram no seu escritório.

“Passava, religiosamente e durante um ano inteiro, todas as manhãs na praça observando tudo”, explica. “Usei muito a liberdade de não ter nenhuma barreira social. Minha ideia não era afrontar ninguém: não queria impor nada, educar nada”, conta. “Querida apenas causar um certo estranhamento. Fazer com que as pessoas que passavam na praça pudessem ter sua própria impressão, como: uai, esta mulher é maluca? Adoro trabalhar no limite, ampliar fronteiras. Já reparou que quase tudo o que a gente não conhece nomeamos de loucura?”

O livro reflete o momento vivido por Dudude nestes últimos anos. E que, aliás, foi retratada por ela em seu último espetáculo “A Projetista”.

A artista anda preocupada com o que acabou se transformando a dança por causa das leis de incentivo à cultura no país. Estranhos anos, onde quem decide o que merece e o que não merece acontecer são os bizarros (e engravatados) gerentes de marketing das grandes empresas. Homens que sabem tudo sobre preços e rigorosamente nada sobre valores.

“Conseguir financiar um projeto de cultura no país virou um verdadeiro pesadelo. É uma coisa muito estranha. A gente perde mais tempo preenchendo formulários e relatórios do que pensando no espetáculo”, conta. “Uma piada de mau gosto”.

Se os artistas são mesmo a antena da raça, como queria Pound, precisamos ficar atentos à mensagem captada pelas antenas desta artista mineira.

CONFESSO:

MUITO DIFÍCIL TRADUÇÃO DA BELEZA DO REGISTRO INTERNO

JOÃO POMBO BARILE
é jornalista e Diretor do SLMG.



DOS QUADRINHOS

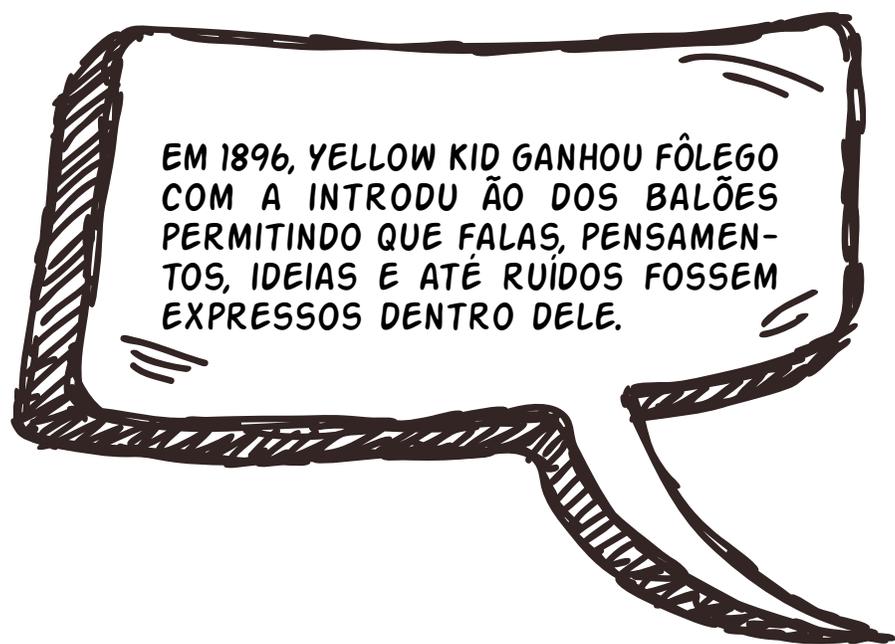
ADAPTADAS PARA AS TELAS DO CINEMA, AS HQS SURTIRAM AO LONGO DA HISTÓRIA DA HUMANIDADE COM POTENCIAL MAIOR DO QUE SIMPLES ENTRETENIMENTO E DIVERSÃO

NEOMISIA SILVESTRE E MICHELE PRADO

Os heróis dos quadrinhos invadiram o cinema e viraram febre mundial nos diversos filmes lançados recentemente, entre eles *Os Vingadores*, que já arrecadou cerca de US\$ 1 bilhão nas bilheterias. O que a tela não conta, no entanto, é que o primeiro super-herói surgido nas HQs tem idade para ser vovô. Criado em 1933 por Jerry Siegel e Joe Shuster, *Superman* foi capa do primeiro número da revista *Action Comics*, em 1938, e abriu caminho para todos os outros personagens conhecidos atualmente.

Desde a primeira criação, as histórias em quadrinhos ganharam notoriedade com o passar do tempo, surgiram diferentes criações e as técnicas foram se aprimorando. Contudo, o uso da narrativa em sequência

nunca se restringiu aos gibis: em diversos momentos da evolução humana acontecimentos importantes foram representados em forma de ilustrações. Na pré-história, nossos ancestrais se comunicavam por desenhos feitos em cavernas. Na antiguidade, os romanos incluíram no monumento *As Colunas de Trajano* uma série de imagens para perpetuar seus feitos. Mais adiante, na Idade Média, é possível ver o sucesso da Conquista Normanda na *Tapeçaria de Bayeux*, obra feita em bordado que retrata em 58 cenas as conquistas dos cavaleiros normandos. E até mesmo a Via Sacra percorrida por Jesus Cristo é contada nos vitrais da Igreja Católica. Em todos esses exemplos, a narrativa valeu-se de forma criativa utilizando imagens para contar fatos e episódios atuais. Ao longo dos anos, a comunicação por ilustrações se desenvolveu e chegou aos jornais.



O REPÓRTER DO LÁPIS

O primeiro jornal de caricaturas no Brasil foi *A Lanterna Mágica*, fundada em 1844, que iluminou o caminho para novas possibilidades na linguagem gráfica, como as páginas duplas em quadrinhos do *Brasil Ilustrado*, em 1855. Cinco anos mais tarde, no dia 8 de dezembro, surgiu *A Semana Ilustrada*, publicação que traria personalidades importantes como Machado de Assis (1839-1908), Quintino Bocaiuva (1836-1912) e Angelo Agostini (1843-1910). O ítalo-brasileiro Agostini tornou-se figura de destaque na imprensa brasileira com suas caricaturas e sátiras políticas. Era conhecido como o repórter do lápis.

Em São Paulo, deu cara e pernas ao *Diabo Coxo*, o primeiro jornal ilustrado da cidade, em 1864. A origem do nome, no mínimo curioso, é explicada por Antonio Luiz Cagnin, especialista em Angelo Agostini. “*Diabo Coxo* é o nome do personagem de um romance publicado em 1641, do escritor espanhol Luís Vélez de Guevara, chamado ‘El Diablo Cojuelo’. Contava a história de um diabo que estava preso em uma garrafa e foi libertado quando um estudante o encontrou”, diz. O tinoso nome foi utilizado por Agostini como uma maneira do jornal retratar a sociedade com ironia e irreverência. Fez grande sucesso devido às ilustrações de Agostini e a influência política do também fundador Luís Gama, com suas ideias libertárias em favor do abolicionismo.

Em meados do século XIX, a modernidade começava a chegar à cidade apitando a todo vapor com o primeiro trem. Destino: São Paulo – Santos. No dia da inauguração, a Província, que até então estava em festa, se desesperou ao ver o trem descarrilar na estrada de ferro, no Vale do Carmo. Agostini correu ao local para ver o acontecido e logo em seguida representou o desastre em quadrinhos. “Ele fez um desenho do trem caído e no segundo quadrinho mostrou o trem caindo, quer dizer, antes do trem cair, um *flashback*. E o terceiro quadrinho com frases de pessoas que moravam ali perto e foram socorrer as vítimas. Dessa forma, ele inaugurou a reportagem em quadrinhos, foi o primeiro”, explica Cagnin. Nessa época a fotografia já existia, mas como os jornais não utilizavam o recurso, o desenhista é que ia a campo, muitas vezes representando determinadas cenas com riqueza de detalhes e até mesmo movimentos, como no caso do acidente de trem.

Waldomiro Vergueiro, coordenador do Observatório de Histórias em Quadrinhos da Universidade de São Paulo (USP), concorda que Agostini fazia reportagens em quadrinhos. “Ele denunciava o que estava errado

e criticava a sociedade, propunha alternativas. Era jornalismo puro, não deixa de ser. Por trás tinha uma história, principalmente nas charges políticas que fazia”.

Aristides Corrêa Dutra, mestre em Comunicação pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), cita duas reportagens em quadrinhos no semanário *Cabrião*, fundado por Agostini em 1866, como as mais antigas que encontrou. “A primeira é sobre o incêndio de um certo Hotel do Heitor, em Jundiaí, interior de São Paulo, em que o vigário da igreja próxima ao hotel se recusou a permitir que usassem a água de seu poço para apagar o fogo, o que culminou na destruição do prédio. A segunda conta a história dos padres jesuítas da cidade de Itu, que aconselhavam os fiéis a escrever cartas a Deus para contar seus problemas e fazer pedidos. As cartas seriam depois queimadas no altar para que a fumaça conduzisse sua mensagem ao céu, mas não antes de serem secretamente abertas pelos ‘distintos’ padres que, dessa forma, eram conhecedores dos mais profundos segredos da paróquia”, diz Dutra.

Apesar de retratar acontecimentos reais, Agostini muitas vezes misturou ficção à realidade em suas ilustrações e recebeu méritos com a criação da primeira *graphic novel* (novela-folhetim) que se tem notícia. As histórias continuadas, publicadas em 1869, duraram capítulos com as peripécias da personagem Nhô Quim, posteriormente conhecido como Zé Caipora. O caipira de travessuras mil deixava os leitores ávidos para lerem as próximas aventuras.

Mesmo com todas as façanhas do lápis de Agostini, para muitos quem passou a ser o marco da criação no mundo dos quadrinhos foi *The Yellow Kid*, personagem da série *Down in Hogan’s Alley*, de Richard Felton Outcault. Criado trinta anos depois das histórias de Agostini, o moleque amarelo alcançou importância de âmbito internacional. Em 1896, *Yellow Kid* ganhou fôlego com a introdução dos balões permitindo que falas, pensamentos, ideias e até ruídos fossem expressos dentro dele. No entanto, ainda que a criação de Outcault tenha inovado com o recurso, isso não abrandou o ânimo de estudiosos que não aceitaram a ideia dele ser considerado pelos americanos o primeiro personagem em quadrinhos.

NA LUTA CONTRA O MAL

Mais adiante, na década de 30, balões com onomatopeias (*Soc! Pow! Bum!*) popularizam-se nas HQs repletas de heróis tentando salvar o mundo, entre eles *Batman*, criação de Frank Miller, que pela primeira vez utilizou técnicas cinematográficas como a narrativa cena a cena nos quadros, além da obra do aclamado Will Eisner: *Spirit*, o lendário Fantasma.

Neste mesmo período, animais ganharam vida e a fantasia tomou conta das histórias em quadrinhos com as criações da Disney. Associadas ao entretenimento e ao universo lúdico, as HQs ganharam conotação infantil, tendo muita dificuldade em serem legitimadas como potencial de informação. “Elas surgiram inicialmente para o público adulto, mas

mesmo período e simplesmente não foram reconhecidas, como eu, por seu trabalho”, diz.

Interessado nos conflitos do Oriente Médio, o jornalista maltês viaja por diversos países em busca de pessoas com histórias a contar. Um dos resultados de suas peregrinações foi uma série de publicações editadas em 1992, como a revista em quadrinhos *Palestina*. De início sua obra não vendeu muito bem, mas com a reedição em 1995 e 1996 no formato de livro, *Palestina – Uma Nação Ocupada* e *Palestina – Na Faixa de Gaza* fizeram um estrondoso sucesso e abriram portas às suas outras publicações: *Área de Segurança Gorazde – A Guerra na Bósnia Oriental* (1992 – 1995), *Uma História de Sarajevo, Derrotista e Notas sobre Gaza*, além de outros livros não publicados no Brasil.

Para produzir as obras, Sacco passa meses no lugar retratado, acompanha de perto a guerra e revela o lado humano da tragédia. Entrevista pessoas, conhece lugares, caminha por ruas, pesquisa aspectos históricos e políticos da região. Como resultado, reconstrói empiricamente a realidade por meio de desenhos.

As HQs utilizam dois códigos em paralelo: a imagem e a escrita. Joe Sacco une ambas com técnicas jornalísticas de captação e edição das informações. “Um texto puramente escrito exige que você tenha uma capacidade de codificação dos símbolos muito maior: tem que saber ler e entender a ordem com que as palavras se colocam. As histórias em quadrinhos também têm isso, mas o código pictográfico, digamos assim, o código imagético é facilmente inteligível porque tem uma relação com a realidade”, afirma Vergueiro. Dessa forma, a HQ é um recurso utilizado para introduzir informações complexas como guerras e as relações de poder que as envolvem.

Sacco revela que além de tornar a linguagem mais acessível e simpática, há vantagens em fazer jornalismo em forma de quadrinhos. “Com imagens repetidas, você pode mostrar realmente o que um lugar parece ser e criar a mesma atmosfera que experienciou quando esteve lá. Você é capaz de levar um leitor para outro tempo e lugar e deixá-lo lá”, diz. Segundo o jornalista e cartunista JAL, Sacco faz da “reportagem quadrinizada” sobre a guerra na Bósnia algo atual, que auxilia o leitor a compreender a informação não apenas pelas ilustrações, mas também pela pesquisa envolvida. Para representar com precisão, o jornalista maltês tira fotografias do local e das pessoas para depois situar-se quando desenha. “Os quadrinhos-reportagem têm também esse tipo de trabalho atemporal em que, além de desenhista, o autor se torna pesquisador e, de certa forma, historiador. Quer dizer, é possível explicar culturalmente o que acontece contando o factual da guerra, o que aconteceu. É um caminho que vai fazer as pessoas se interessarem muito mais pela pesquisa e isso vale principalmente para a área educacional”, explica JAL.

Mesmo com a preocupação em representar os detalhes, para Waldomiro Vergueiro Joe Sacco não é neutro. “A posição dele é a de um jornalista que retrata a visão dos mais fracos, dos oprimidos. A Palestina mostrando a visão dos palestinos e não dos judeus ou dos norte-americanos”, diz. Ouvir os dois lados é uma das regras fundamentais da objetividade jornalística, e os quadrinhos, as charges e os cartuns são

do gênero opinativo. Mesmo assim, é possível retratar a informação de maneira isenta? “Eu não acredito que exista uma relação direta entre uma coisa e outra. Você pode fazer um quadrinho totalmente objetivo, na medida em que isso existe, apenas retratando os fatos. Quando o jornalista escolhe um determinado assunto para noticiar, ele está fazendo uma escolha e essa escolha não é absolutamente imparcial, ele está baseado em alguns elementos: a importância do fato estar sendo noticiado, a visão do jornalista sobre a realidade para divulgar aquela situação, a posição que ele vai tomar. Depois dessas escolhas, que absolutamente não são neutras, ele vai tentar retratar o fato a partir de uma suposta neutralidade e isso a linguagem dos quadrinhos também permite. Quando você relata algo que ocorreu, você está elaborando uma narrativa sobre um acontecimento e as histórias em quadrinhos, o próprio nome já diz, é exatamente uma narrativa em quadrinhos”, explica Waldomiro.

Joe Sacco faz parte da produção alternativa norte-americana, teve grande influência do movimento *underground*. “Foram os gibis da revista *Mad* que me inspiraram mais, em especial Bill Elder, porque aquela coisa era tão louca, simplesmente louco”, conta.

Para especialistas, além do *underground*, seu trabalho é fundamentado no *New Journalism*, entretanto, o jornalista quadrinista não admite isso. “Em algum nível eu fui influenciado pelos ‘novos jornalistas’, como Michael Herr, que escreveu sobre a Guerra do Vietnã, e S. Hunter Thompson. Mas também tenho sido influenciado por escritores como George Orwell, que talvez venha de uma escola mais antiga. Se sou considerado um ‘novo jornalista’ é porque não estou muito interessado em objetividade e na noção ridícula de equilíbrio, como sou na honestidade. Acho que ao fazer jornalismo em quadrinhos me diferencio um pouco, mas não quero ser considerado o ‘mais novo’, porque isso faz parecer que sou parte de uma moda, e a moda muda”, ressalta Sacco.

Apesar de o jornalista citar a volatilidade de certos modismos, não é de hoje que a história vem sendo contada por meio dos quadrinhos e para isso nem é preciso super-herói. A compreensão de um fato pode ser atingida mais facilmente quando se abre um leque com formas inovadoras de reportar acontecimentos, inclusive os factuais. Nesse caso, o uso de imagens, ilustrações, técnicas literárias e até mesmo o humor surgem como superpoderes, capazes de conduzir o leitor pelos tantos caminhos possíveis do traço e da palavra.

FIM

NEOMISIA SILVESTRE

é jornalista paulistana, com um pé no lirismo, na dança e nas artes cênicas. Também escreve sobre arquitetura e design.

MICHELE PRADO

nasceu em São Paulo. É jornalista, pós-graduada em Comunicação Empresarial e Institucional, com verve para pesquisas literárias. Atualmente atua nas áreas de educação e cultura.

AMORES, TEMPO, HISTÓRIA



TUDO ME ESTÁ A MEMÓRIA RETRATANDO
CLAUDIO MANOEL DA COSTA

VISITA AO MUSEU

“Toda história tem um começo”,
você disse baixinho ao ver Cristo
confinado em sua dor.

Confidencialmente,
concordei com suas palavras que soavam sagradas
num misto de amor pela pátria.

Como sempre pensei nas tardes
e quis que aquela retardasse ao máximo
a paixão de Cristo, pois só assim na sua companhia
aprendia o que nunca se ensina
o amor e sua fantasia.

OURO PRETO

Vieram os Bandeirantes
e dividiram a Vila em duas.
Os homens endurecidos
não sabem abrir portas.

O amor, que não tem nada com isso,
engravidou as palavras passadas e futuras.
Uma delas ternamente deixa a história
com menos remorso.

Outra dói aqui perto dos ossos,
endurece o tempo das demoras,
quando ninguém avisa que a esperança
cresce entre hera e ruína.

Enquanto o amor espera na janela,
outra história que não seja, como esta,
tão severa.

MEUS AMIGOS, MEUS INIMIGOS

Quando perdi me ensinaram.
Agora é tarde, não apago a pólvora,
o destino é mero desalinho,
ilhas sem linhas.
Agora a palavra lavrada é obra rara.
Agora: só o fio apavora.
Agora meus amigos, meus inimigos,
as horas em Ouro Preto não vão
embora.

DE UMA SACADA

No meu lugar
eu diria: fica aqui
desse lado, perto da janela,
onde heras sobem,
onde éramos
um par.

No seu lugar
você diria: fica aqui
próximo do parapeito,
onde heras somem,
onde um
é um a menos.

BILHETE NA SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO

“É preciso rezar com raiva”
a súplica maior que ora te ofereço.
Que meu desprezo não vire conduta
cega para os dias sagrados.

DA ESPERA

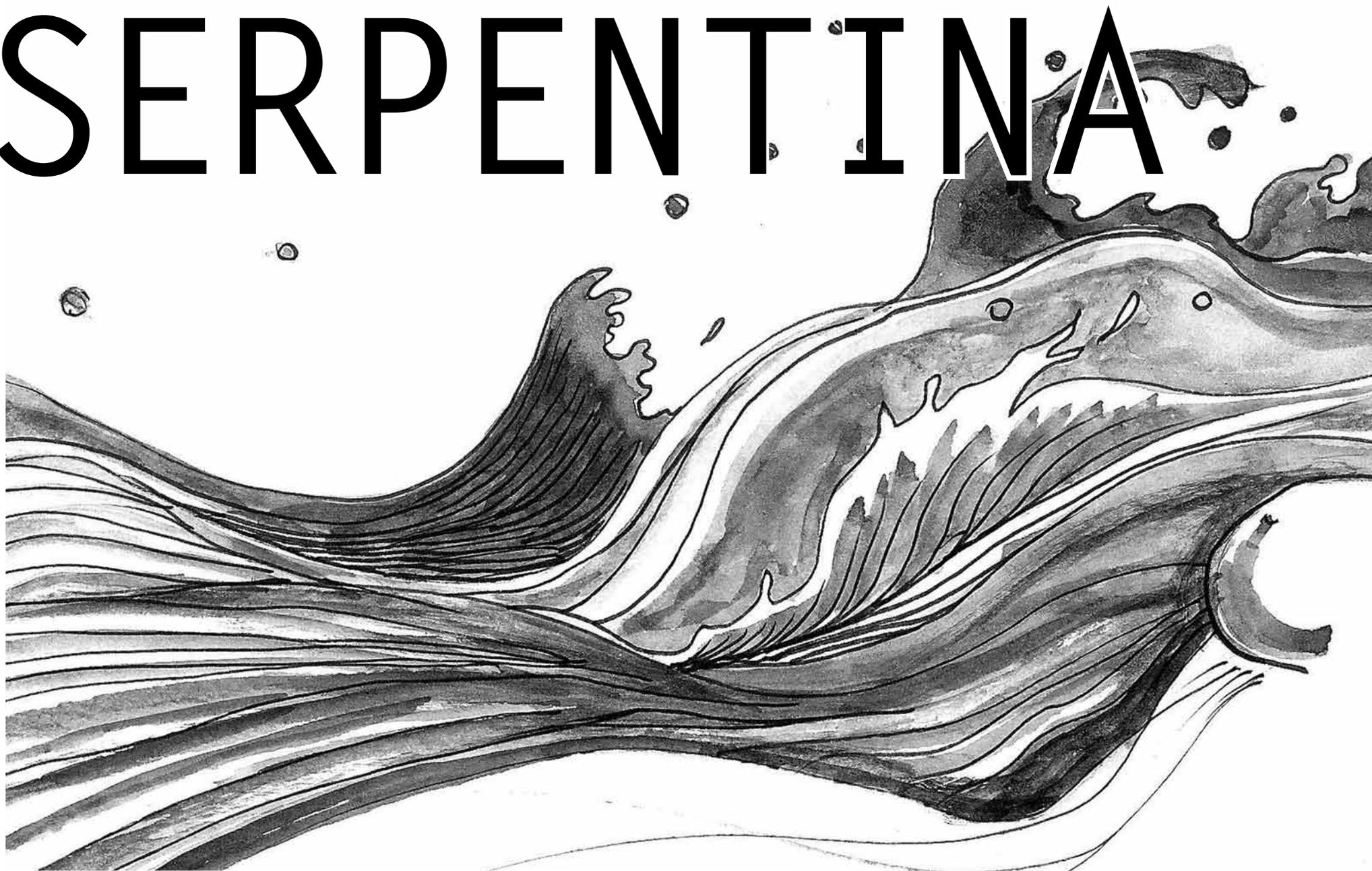
Não tenho em mim
qualquer outra cidade
senão a tua que me atravessa
feito espada na bainha.
Entro nela por dentro
e aceito o medo de sabê-la por fora.
Ela, por dentro, já foi de muitos,
mesmo quando houve censura,
mesmo quando a usura a partiu
em muitas. Tenho em mim
o tempo que recua e avança
sem saber o que te espera
do teu amor por ela.

MÁRIO ALEX ROSA

mineiro de São João Del Rei, é poeta, artista
plástico e crítico literário. Estes poemas
integram seu primeiro livro de poemas,
Ouro Preto (Scriptum, 2012).

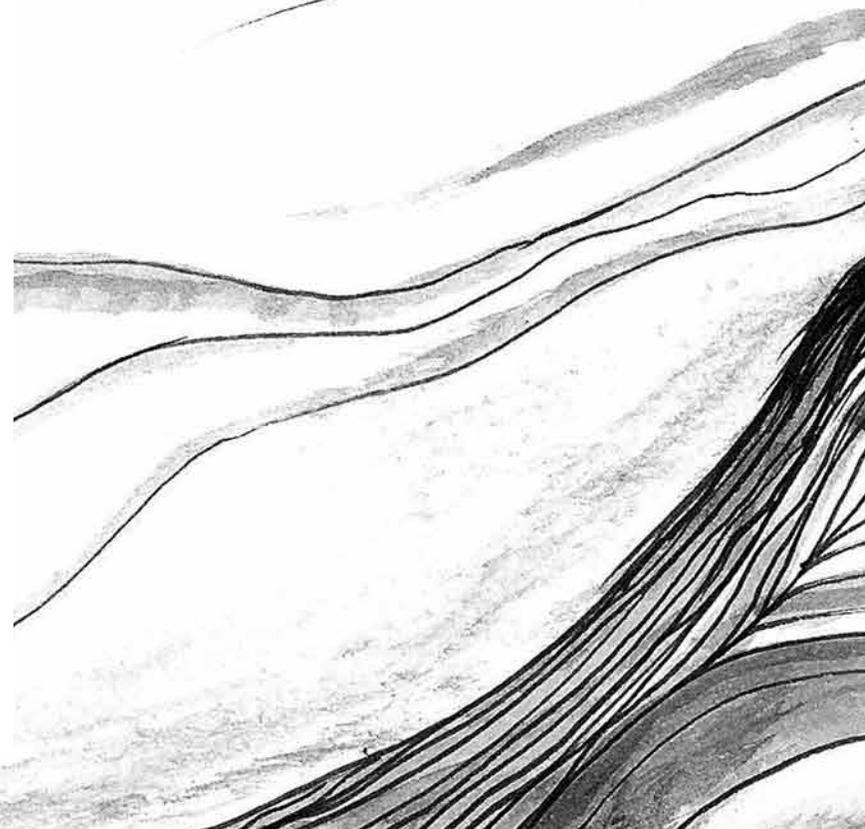
CONTO DE TÉRCIA MONTENEGRO

SERPENTINA



Era a terceira ou quarta vez que Lou a via passar naquela manhã, o cabelo num tom caramelado de fios jovens e crespos. Max tinha reparado também, claro. Inicialmente fizera um comentário sobre o bebê, que ela carregava como se fosse um cesto de frutas. Uma criança rosada, com pouco menos de um ano de idade – os pais eram ingleses, fugindo da guerra na Europa e hospedados naquele mesmo hotel que dava para o rio. Max não comentara nada sobre a babá, mas era evidente que tinha reparado nela. Sentado ao lado de Lou, numa das espreguiçadeiras da varanda, ele observou a adolescente subir e descer a escada do pátio, detendo-se sob o caramanchão, em fingidas conversas com o bebê.

Os ingleses quiseram finalmente segurar o filho, e foi naquele instante, em seu último desfile diante da varanda, que a babá cruzou a trilha em direção à água. Usava a blusa de sempre, o branco saltando no contraste com o bronzeado. Sabia, certamente, o efeito que a roupa teria após o mergulho: transparente como uma pele de gaze, sobre os seios escuros. Era uma provocação ostensiva, mais uma, depois daquele sorriso de minutos atrás, quando ainda carregava a criança e voltou os olhos cheios de malícia na direção de Max: exibia-se numa fartura de quadris e dentes largos.





Elvira Fuxca
May 2012



Por alguns instantes, Lou sentiu o impulso de fazer as malas imediatamente e partir sozinha. Mas seria precipitado; Max continuava tranquilo, bebendo aos poucos sua cerveja – reparando, lógico, mas tranquilo. Quando a adolescente entrou no rio e começou a nadar, ele virou o rosto para saber se não seria bom alugarem um bote. Lou respondeu que não estava disposta a passeios, e não houve nenhuma insistência nem voracidade. Max provavelmente estava louco para ver a garota de perto, mas, com goles miúdos, mantinha-se calmo e quase indiferente.

Por alguns minutos, ficaram silenciosos, deixando que o ruído dos outros hóspedes compensasse o vazio da varanda. Entretanto, havia poucas pessoas naquele fim de manhã; era baixa temporada, e os outros casais instalados no hotel já tinham se dirigido ao salão de almoço. À beira do rio, estavam somente os ingleses, além de meninos da redondeza, filhos de pescadores. Apesar do horário, não fazia muito calor; um vento agradável simulava o clima refrescante do entardecer. Inclusive, não havia necessidade de óculos escuros – Lou pensou, aproveitando também para tirar o chapéu e soltar o cabelo. O marido mal percebeu seu gesto; continuou na postura de sombra, a um passo de virar estátua com seu copo espumante. O que o libertou foi o grito, repentino e agudo.

Um dos moleques pulava dentro da água. Os outros correram para ver o que ele apontava mais adiante – o nada, o plano, no músculo tecido do rio. Confabularam por segundos, até que o menino mais alto de todos saiu correndo para mergulhar, enquanto os outros se dispersavam, como pássaros aflitos:

– A mulher se afogou! Venham, que a mulher se afogou!

Como num efeito de mola, Max e Lou saltaram das espreguiçadeiras, precipitando-se para o pátio. O dono do hotel chegava, querendo abrir caminho naquela multidão instantânea de vozes. Quase no meio do rio, o menino que tinha mergulhado fazia sinais para um pescador se aproximar, remando num bote. Por causa da distância, não era possível entender o que diziam, mas o dono do hotel insistia em querer traduzir, tentando acalmar as pessoas.

Quando o menino e o pescador içaram o corpo, num bamboleio frágil de braços, Lou estranhou a figura encharcada que emergiu. As pessoas na margem começaram a gritar, com mãos de pressa e nervosismo. Mais curiosos surgiam; mulheres de bacia na cabeça e vestidos de cor forte, meninos magros e morenos, silhuetas rápidas. O dono do hotel enxugava a testa com um pano de prato, dilatava os olhos para ver aquele fantoche úmido, que era posto no chão de cascalho.

O inglês adiantou-se, para tentar o ressuscitamento. Pressionava o peito da afogada, com punhos rijos e vermelhos. A expectativa criou o silêncio: era quase um respeito que fazia todos acompanharem aquele movimento rítmico, o aprofundamento que desenhava linhas e nódoas na blusa molhada. Alguém afastou os cabelos da garota – as mechas agora completamente negras, como algas sobre um rosto lívido. O inglês insistiu na respiração boca a boca por quatro, cinco vezes, antes que o dono do hotel estendesse um vidro de álcool:

– Vamos tentar isso.

Lou, que até então sentia-se trêmula como se estivesse sob o efeito de um veneno, tomou aquela ordem para si. Arrebatou o vidro já aberto, para ajoelhar-se diante do inglês, bem atrás daquela máscara pálida e gotejante. Tentou alcançar os pulsos da garota, para esfregá-los, mas lembrou-se de que aquilo não era um desmaio. Precisava fazê-la inalar o álcool, e teria que agir de modo rápido, para não atrapalhar as novas tentativas do inglês...

– Pode parar, senhora. Ela está morta.

Ela olhou com ódio para o pescador que intervinha.

– A senhora derramou álcool bem nos olhos dela.

Alguém lhe ofereceu a mão, para ajudá-la a pôr-se de pé. O pescador parecia encará-la com um ar de crítica por sua inabilidade. Lou sentiu-se novamente tremer, um súbito frio enquanto procurava o marido em meio à multidão que se dispersava. Foi encontrá-lo no quarto, fumando com os cotovelos fincados no peitoril da janela. A fumaça envolvia seu perfil baço, quase tão pálido quanto o da afogada.

Quando ele viu entrar a esposa, reparou em suas roupas molhadas, os joelhos da calça jeans com duas manchas disformes e sujas de cascalho. Disse, um pouco ríspido, que ela se trocasse – iriam sair imediatamente daquele hotel nefasto. E talvez tenha sido essa palavra antiga, pronunciada como num arremedo de filme ruim, que provocou o riso. “Nefasto” não combinava com Max, o tranquilo sedutor.

O ressentimento, o ciúme, tudo em Lou se dispersou com a risada alta, estridente. Max balançava a cabeça; começou a enfiar camisas dentro da mala. Então aguardou por alguns minutos, de costas. Finalmente, com o silêncio que se fez no quarto, voltou-se para a esposa. Esperava encontrá-la com algum espasmo ou resto de crise histérica. Mas, com espanto, descobriu em seus olhos claros uma limpa alegria. Recostada na cama, bem no meio da poça branca dos lençóis, Lou inventava para si mesma um carnaval – uma felicidade espontânea, espécie de oferenda extra aos deuses do rio.

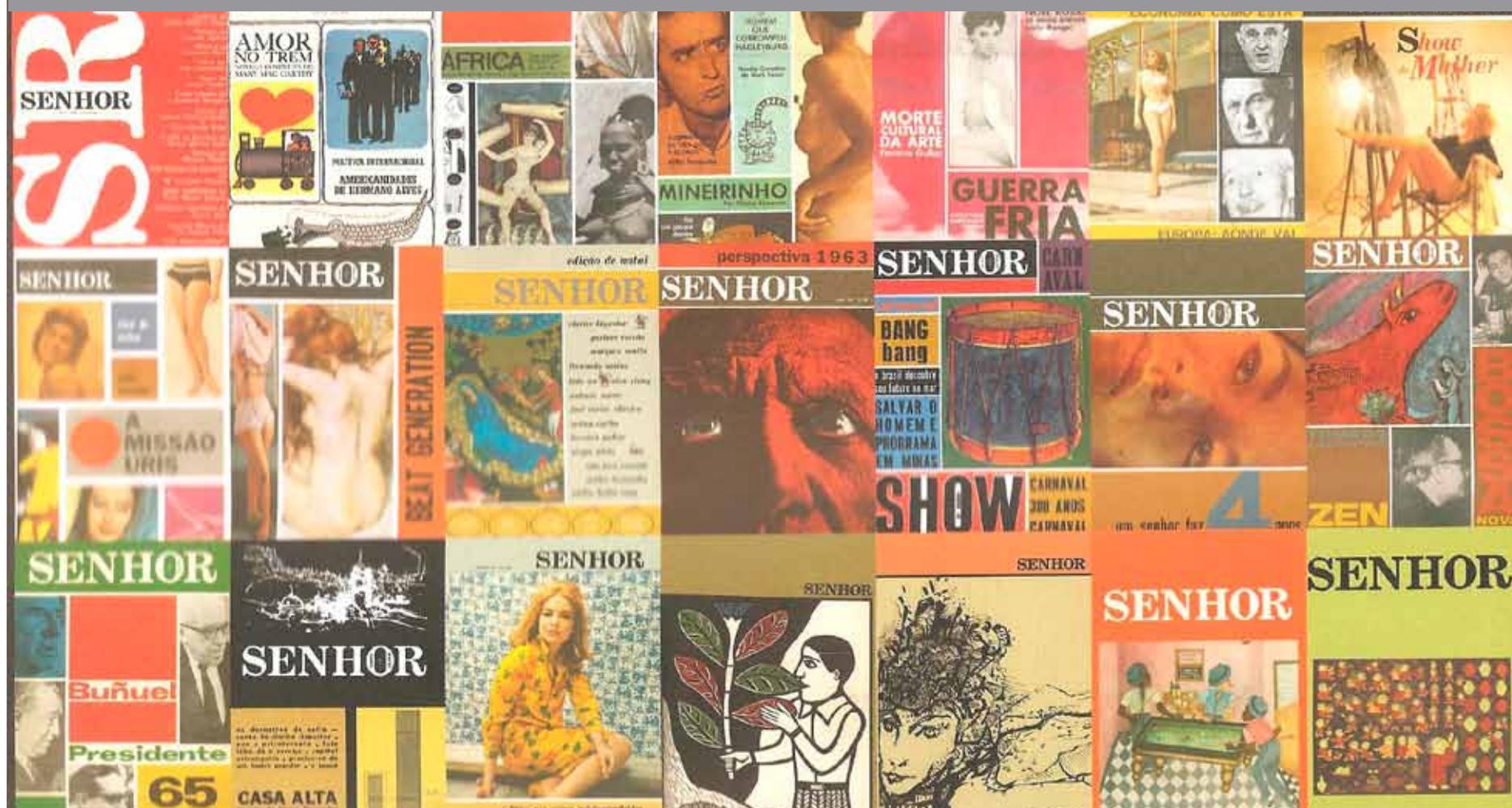
TÉRCIA MONTENEGRO

cearense de Fortaleza, foi vencedora do Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura – 2010, na categoria Contos, com o livro *O tempo em estado sólido*.



BANQUETE PARA OLHOS E MENTES

LIVROS RECONSTITUEM A HISTÓRIA DA *SENHOR*,
A MELHOR REVISTA JÁ LANÇADA NO BRASIL



FABRÍCIO MARQUES

Em uma de suas crônicas publicadas no site da BBC, Ivan Lessa vaticinava que, para escrever bem, é preciso ter estilo: “Sem estilo nada acontece. Com estilo, tudo é possível”. Ele recorre ao jornalista Simon Jenkins, segundo quem, para praticar o jornalismo, antes de mais nada, é preciso, naqueles que o praticam, uma intensa curiosidade pelo mundo e um profundo amor pela palavra escrita. Completa Ivan Lessa: “Acrescento apenas que jornalismo é sobre contar para as pessoas coisas que elas não sabiam antes. Ou que pensavam que sabiam”. Querem um exemplo bem acabado de uma publicação que reunia todas essas qualidades? A Revista *Senhor*.

Uma pletora de textos e imagens dispostos graficamente com excelência sem igual na imprensa brasileira, essa revista, assim como tantas publicações, teve uma existência relativamente efêmera, de 1959 a 1964, mas foi o ímã que atraiu os maiores talentos em suas áreas — escritores, poetas, ensaístas, designers, fotógrafos —, deixando um legado difícil de ser superado ainda hoje. Um dos maiores sucessos editoriais brasileiros de todos os tempos, hoje é objeto de dissertações de mestrado e teses de doutorado em Artes Gráficas e Comunicação.

Organizados por Ruy Castro, com concepção e coordenação de Maria Amélia Mello, dois livros (na verdade, um só lançamento em dois volumes, da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo) repõem em circulação esse marco da cultura brasileira. *O Melhor da Sr.* traz “uma coleção de artigos, entrevistas, fotos, cartuns, anúncios e ousadias gráficas da revista que marcou época”, tal como anuncia sua capa. *Uma Senhora Revista* (108 páginas) reúne textos de personagens importantes dessa história: os jornalistas Nahum Sirotsky (1925), Paulo Francis (1930-1997), Ivan Lessa (1935-2012) e Luiz Lobo (1933) e o publicitário Edeson Coelho (1929).

Eliane Fátima Corti Basso, professora e pesquisadora da USP, avalia que, no final da década de 50, o mercado editorial estava se desenvolvendo e não havia nas bancas uma revista que se propusesse a apresentar, ao mesmo tempo, a produção cultural e as temáticas do universo masculino para um público com alto poder aquisitivo, morador dos centros urbanos, intelectualizado, sofisticado ou com desejo de sê-lo. “O surgimento da *Senhor* aconteceu dentro de um contexto de profundas mudanças estruturais nos campos político, econômico, cultural e da imprensa brasileira”, pondera.

Como observa Ruy Castro, *Senhor* (nos primeiros 12 números, chamada de *Sr.* – *A Revista do Senhor*) foi a última de uma grande tradição de revistas românticas brasileiras. “Anos depois, as revistas mensais

que a sucederam trocaram sua superioridade majestática e seu olímpico desprezo pelos fatos por uma espécie de urgência republicana e um excessivo apego à atualidade”, ressalta o jornalista, na apresentação de *Uma Senhora Revista*, um pouco no sentido do que o poeta Paul Valéry já disse, a respeito de vivermos em uma “era da barbárie dos fatos”; mas “nenhuma sociedade se estrutura, se organiza, sem as coisas vagas”. Por “coisas vagas” se entende a Filosofia, as abstrações, as Artes, os ideais políticos. “Nós estamos vivendo em um mundo veloz, vertiginoso e cego, sem ideias, valores, reflexão e arte, como avalia o filósofo Adauto Novaes, comentando a frase de Valéry.

Ruy Castro também destaca que a revista apresentava uma estética de formas claras, enxutas, essenciais, dirigida a homens (e mulheres) adultos. Uma estética que incluía Brasília, a Bossa nova, a revolução gráfica do *Jornal do Brasil*. “O país inteiro se tornara um risco em 1964. Quando os militares tomaram o poder, a 31 de março de 1964, *Senhor* já havia morrido dois meses antes. E, nos anos seguintes, os senhores de colarinho branco que compunham o seu público viram-se engolfados pelo processo de juvenilização galopante que tomou o planeta”. Processo que, vale completar, atinge seu paroxismo nos dias atuais, naquela mesma direção apontada pelo escritor Amós Oz, em conferência proferida em 2002: “talvez o pior aspecto da globalização seja a infantilização do gênero humano — ‘o jardim de infância global’, cheio de brinquedos e adereços”.

EXCELÊNCIA NOS TEXTOS

Folheando as 412 páginas de *O Melhor da Sr.*, entende-se melhor por que a revista alcançou a aura de sofisticação e criatividade que a cerca. A cada página, uma surpresa. Como, por exemplo, Otto Maria Carpeaux escrevendo sobre seus encontros com Kafka, na Berlim de 1921: “‘Kauka.’ ‘Como é o nome?’ ‘Kauka.’ ‘Muito prazer.’” Esse diálogo, que certamente não é dos mais espirituosos, foi meu primeiro encontro com Franz Kafka. Ao ser apresentado a ele, não entendi o nome. Entendi Kauka em vez de Kafka. Foi um equívoco”.

“Por que amo a Inglaterra”, nas palavras de Vinicius de Moraes: “A Inglaterra não foi para mim um amor à primeira vista. Ao chegar a Londres, em agosto de 1983, em gozo de primeira bolsa para Oxford dada a um brasileiro pelo Conselho Britânico, a cidade surpreendeu-me pela sua reserva. Senti, de fato, a poesia do grande porto, com meu navio a penetrar lentamente o Tâmis nas luzes de uma antemanhã cinza-azul, toda povoada de lentas asas brancas de gaivotas”.

SENHOR.

“O povo do Bero-ô-cã”, por Darcy Ribeiro: “Se você perguntasse a um jovem carajá qual é o seu maior desejo, ele responderia, provavelmente: — encontrar um turista rico, bom e tolo”.

Ivan Lessa, por ocasião da morte de Billie Holiday: “Em sua voz, primeiro, uma amargura preguiçosa. Depois uma candura esperta. As sobrancelhas arcam-se cômicas e a boca contorce-se enquanto as mãos acariciam ou estrangulam uma gardênia, sua marca registrada. A mulher é negra e bela e triste. Sua voz é pequena e nasal – material limitado – mas seu talento é imenso e, atrás de toda dramaticidade, quando canta parece dizer: “olha, isso que eu digo é verdade, mas no fundo, bem no fundo, eu estou só brincando e não era bem isso que queria dizer...”

“Julião da Galileia”, por Antonio Callado: “A gente sai do Recife e esbarra nas terras de cana. Dos impecáveis gramados ingleses surgem os engenhos brancos, as usinas de açúcar, de cachaça. Mas o Nordeste está cantando diferente.”

“Cuba: o assunto é revolução”, texto de Rubem Braga com foto de Janio de Freitas: “Lamento horrivelmente, meu caro sr. leitor de *Senhor*, mas o assunto é Revolução. Procurarei fazê-lo ameno, e para começar, direi que a ilha de Cuba tem mais ou menos a forma de um jacaré...”

“Pequena história da República”, por Graciliano Ramos: “Rio Branco organizou, com segurança, a propaganda do Brasil: foi um ótimo diretor de publicidade. Antes dele fazíamos uma figura bem chinfrim. As outras nações engrossavam a voz, batiam o pé. Fomentavam a discórdia cá dentro, tentavam desembarcar tropas, davam asilo a brasileiros traidores, ocupavam as nossas ilhas. Com o dinheiro do empréstimo consertamos a fachada. E Rio Branco, apontando a fachada, mostrou que não éramos fracos e doentes, como na Europa julgavam.”

Um perfil de Pelé, de autoria de Armando Nogueira: “Tem 20 anos, entende de fotografia, chuta com os dois pés, namora (escondido da imprensa) uma garota de Santos, tem voz de barítono, pele negra acetinada, é sonso na área enquanto a bola não vem, gasta trinta e manda o resto para a família, em Bauru. Nasceu em Três Corações, Minas Gerais,

e tem tais afinidades com o futebol que certamente nasceria bola se não tivesse nascido gente”.

“Por que bebemos tanto assim”, de Paulo Mendes Campos: “Bar é um objeto que se gasta como camisa, isto é, depois de certo tempo de uso é sempre necessário comprar uma camisa nova e mudar de bar.”

A lista é extensa, e certamente incluiria (a maioria citada a seguir consta da seleção organizada por Ruy Castro) Carlos Drummond de Andrade, charges de Jaguar, Dorothy Parker traduzida por Millôr Fernandes, leituras políticas de Newton Carlos, Otto Lara Resende, F. Scott Fitzgerald, Ray Bradbury, James Thurber, William Faulkner, Mark Twain, T. S. Eliot, Jean-Paul Sartre, “A morte de Ivan Ilitch”, de Leon Tolstói, na tradução de Carlos Lacerda; impressões de Nelson Rodrigues e Guarnieri por Paulo Francis (que também assina “Hemingway no crepúsculo”, como Franz Heilborn, seu verdadeiro nome); Ferreira Gullar escrevendo sobre pintura brasileira; José Guilherme Merquior analisando a poesia modernista de 1922; Zuenir Ventura, Antonio Maria, Carlos Heitor Cony, Glauber Rocha escrevendo sobre Buñuel.

A *Senhor* também publicou os primeiros contos de Clarice Lispector, tais como “Feliz aniversário”, com desenhos de Anísio Medeiros, “O búfalo”. “Mineirinho” e “A galinha”. E, em separata, em cadernos de tamanho reduzido, textos como “A morte e a morte de Quincas Berro D’água” (com ilustrações de Glauco Rodrigues, publicado na edição de junho de 1959). Jorge Amado escreveu esse texto especialmente para *Senhor* com o nome original de “A dupla morte de Quincas Berro D’água”. Luiz Lobo revela que, na sua “imodéstia de jovem”, renomeou para o título como, afinal, ficou conhecido.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Em 1958, Nahum Sirotsky tinha um projeto de criar um semanário nos moldes do *US News*, que oferecia a seus leitores textos que destacavam tendências, o que mantinha a atualidade por muito tempo. Com 33 anos

à época, Sirotsky parecia querer seguir a sugestão de e. e. cummings em "let's start a magazine" (de *No Thanks*, 1935, na tradução de Jorge Fazenda Lourenço): "vamos fundar uma revista // a literatura que se lixe / queremos algo com sangue na gueltra (...) vamos fazer isto a sério // uma coisa autêntica e delirante".

O jornalista propôs o projeto aos controladores da Editora Delta-Larousse, Abrahão Koogan e os irmãos Sérgio e Simão Waissman, que aceitaram levá-lo adiante. Para a criação do projeto gráfico, foi convidado o pintor Carlos Scliar, que, por sua vez, convocou para seu assistente o artista plástico Glauco Rodrigues — o autor da primeira capa, lançada em março de 1959.

Como lembra Luiz Lobo, Scliar fazia "uma diagramação em miniatura das páginas, que prendia na parede para poder 'observar o ritmo da revista': as massas, os pontos e contrapontos, os claros e os escuros", tal como Alexey Brodovitch, o lendário diretor de arte da *Harper's Bazaar* (de 1934 a 1958), considerado o criador do design moderno de revistas. No livro *A arte de editar revistas*, Fatima Ali ressalta que Brodovitch comparava as páginas duplas de uma revista com a sequência de um filme e usava o termo 'fluxo' para descrever a narrativa e o ritmo das páginas — lição seguida por Scliar.

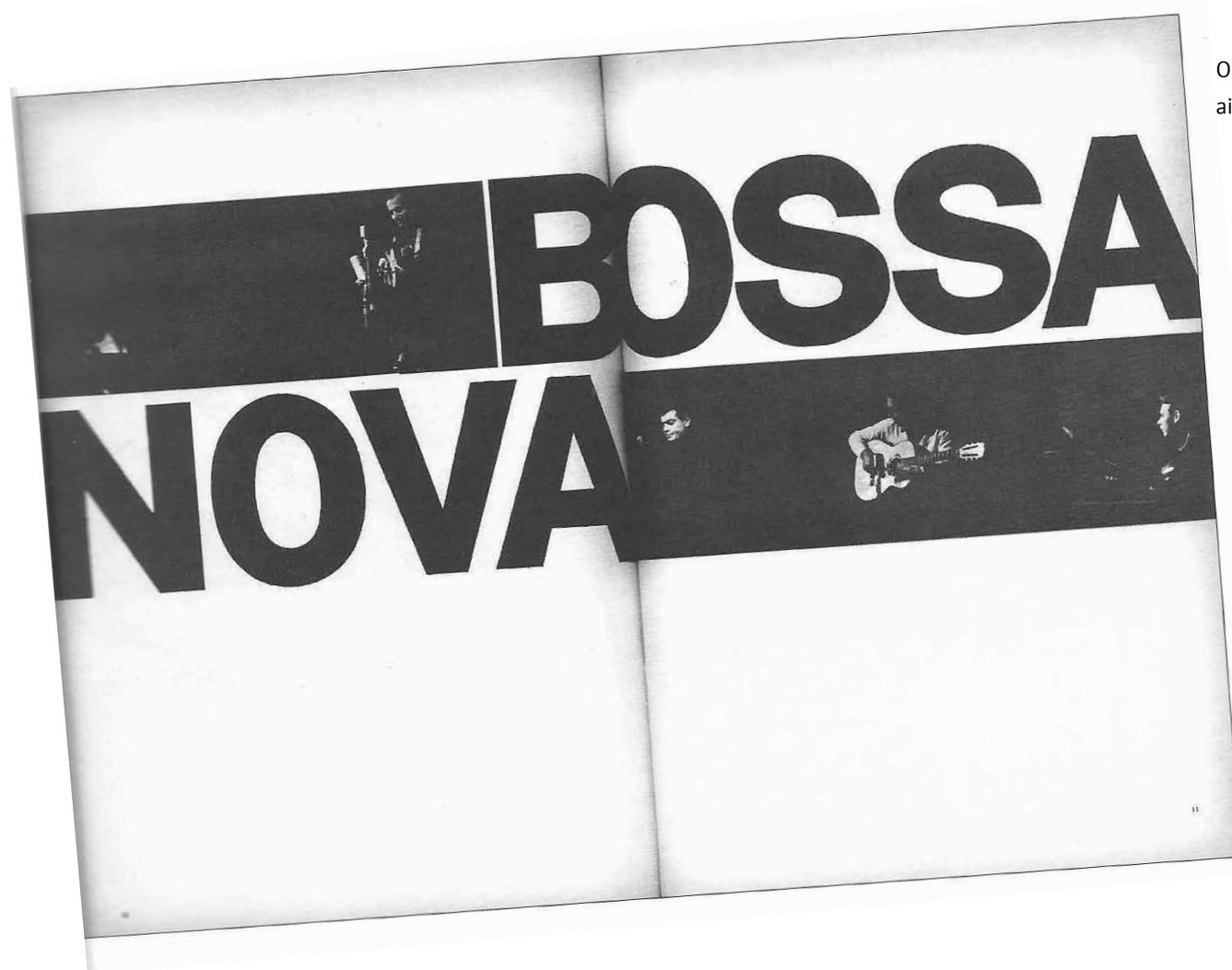
A fórmula editorial de Sirotsky era a seguinte: "seria uma revista para o homem, mas com um conteúdo que atraísse a mulher, que, na época, era a maior consumidora de livros no Brasil. A revista conteria sempre uma novela completa e um ou dois contos. Publicaria ensaios sobre os mais diversos temas de interesse, seria dedicada ao novo empresário

que nascia no Brasil prometido por Juscelino, o dos "50 anos em 5". A novela seria publicada em cadernos de meia página, para se beneficiar da mesma ilustração que cobriria as duas páginas centrais da revista.. A revista conteria também ensaios sobre os mais variados temas. Prestaria serviços ao homem falando sobre os melhores coquetéis e bebidas. Teria moda masculina. E apresentaria uma jovem beldade em cada número, a garota do Senhor. A capa seria sempre uma obra de arte comentando aspectos da vida nacional.

A equipe inicial se completou com Luiz Lobo (editoria de serviços), Paulo Francis (teatro e literatura) e Newton Rodrigues (política e economia). Em 1961, Nahum deixou a revista, que foi assumida por Rodrigues e Francis. Este reconheceu, com razão, que o apogeu da revista foi no período inicial, alcançando tiragem de 30 mil assinantes. "Praticamente todo o talento real das letras brasileiras passou pela revista dos Waissman, que queriam fazer uma publicação de alta qualidade e influenciou muito na imprensa de qualidade que veio depois". Para Francis, *Senhor* tinha em comum com o *Pasquim* uma liberdade anárquica rara na imprensa.

Senhor ajudou a moldar o jeito de pensar, os costumes e a cultura do Brasil a partir de meados do século passado — deu forma e substância a uma visão de mundo aberta e sem fronteiras. E se mantém atual porque é atemporal. E é atemporal porque, como toda revista de alto nível, reúne ao mesmo tempo, especialmente em sua primeira fase, narrativa brilhante, análise aprofundada e direção de arte sofisticada. Uma senhora combinação.

Ousadia da programação visual da revista ainda hoje se destaca



FABRÍCIO MARQUES
é jornalista.

Em nome do pai

CONTO DE SÔNIA PEÇANHA



Foi um dia depois de completar 18 anos que descobriu que aquela que aprendera a chamar de mãe não era sua mãe. Que aquele que amara como pai, que acompanhara em vigília, longas madrugadas no hospital, enquanto a morte se aposava, dia a dia, de um pouco mais de seu corpo, não era seu pai. A carta estava dentro do caderno e caiu a seus pés, quando o enfiava na mochila. De início achou que fosse alguma sacanagem do Beto ou do Claudinho, por causa do aniversário. Abriu o envelope e estranhou o papel cuidadosamente dobrado. Sentou-se na beira da cama e logo a primeira frase traçou fundo um talho de alto a baixo no peito. “Você precisa saber a verdade. Antônio e Elvira não são seus verdadeiros pais.”

Parou de ler e, quase sem se dar conta, os olhos buscaram o rosto no espelho da porta do armário. E estudou com atenção os detalhes daquela face como se de um estranho. O rosto fino, fios escuros começando a aparecer sobre os lábios, o nariz de talhe aquilino que não havia mesmo igual em nenhum dos Vieira, os olhos levemente oblíquos, o negro enfurecido dos cabelos. De fora, vinha o rangido ritmado da rede e o baque surdo dos pés de Felipe, pegando impulso na parede a cada ir e vir. Felipe, três anos mais novo, o cabelo louro de Elvira, os olhos saltados de Antônio. Felipe que trazia na medida exata um pouco de cada, o que às vezes provocava algum comentário surpreso de quem os via pela primeira vez, mas nem parecem irmãos. Levanta-se, abre a janela e diz – não consegue evitar rispidez na voz – vai indo, Felipe, não vou à aula hoje não. Ele sai da rede, pendura a mochila nas costas, o cabelo louro e liso escorregando pelos olhos.

– Não podia ter falado antes? Vou me atrasar por sua culpa.

Bater a janela é sua resposta. Os olhos se detêm no quadro de cortiça sobre a escrivaninha. Pega uma das fotos. Os quatro. Foi dias antes de o coração dele se cansar da briga e decidir parar. Havia um sorriso em cada rosto, mas tristeza velava atenta por detrás, nos dedos crispados da mãe apertando o pulso agora tão fino do pai, as mãos esqueléticas dele em seu joelho, Felipe atrás do sofá, a cabeça louca e sorridente entre os dois, uma inocência irritante fazendo brilhar os olhos que pareciam não ver o que estava bem ali, na cara, o cheiro da morte se entranhando pelos móveis, a casa toda uma mistura de éter e dor.

O Zeca da farmácia tirara a foto, logo depois da injeção da manhã, quando a dor ainda não o subjagara. Dois dias depois, o grito da mãe incendiou a noite, quando o relógio da cabeceira marcava três e meia. O medo imobilizou-o

por instantes na cama. Medo de olhar nos olhos daquela verdade que havia tanto temia. Medo pela nova vida que, quando colocasse os dois pés para fora da cama, iria começar. No quarto, a mãe retinha a cabeça dele no colo. Os olhos inutilmente abertos, as mãos caídas para fora da cama, denúncia de que era a morte agora quem tomava as decisões. Foi uma noite comprida, e triste, e única. Coube a ele percorrer a longa lista de parentes e amigos mais chegados, as vozes no sobressalto do telefonema na madrugada. Ah, André, aconteceu então, vou já praí. Logo os tios chegavam. E os colegas do hospital. Foi ele quem decidiu a roupa com que o vestiram. Foi ele quem caminhou à frente, primeira alça do lado esquerdo.

Espeta novamente a foto no painel e olha o papel aberto sobre a cama. Pode ver as letras azuis, um talho descuidado, mas firme, sucessivas linhas verticais correndo pela página, numa escrita rápida e nervosa. Deita-se na cama e volta a pegar a carta, um cheiro de cigarro e perfume vindo do papel. “Se quer saber toda a verdade, te espero hoje à noite, às sete, no bar do Dino. Não se preocupe, você logo vai saber quem eu sou.”

– Andrezinho, você está bem, filho? Felipe falou que você não vai ao colégio.

A voz suave da mãe atravessa a porta, os dedos roçando a maçaneta. Puxa o lençol até o pescoço, esconde o papel sob o travesseiro.

– Tudo bem, mãe. Só quero dormir até mais tarde.

Ela abre uma fresta da porta e a onda azulada de seu amor inunda o quarto.

– Só porque fez 18 anos, não vá se achando com o direito de matar aula quando bem entender.

Senta-se na beira da cama, e ele fecha os olhos, quando os dedos se misturam em seus cabelos.

– Promete que é só hoje, meu indiozinho?

Ele afasta seu braço com irritação.

– Porra, mãe, para com essa merda de indiozinho. Não quero mais que me chame assim. Nunca mais.

Ela enfia as mãos nos bolsos do casaco, o sorriso congelado no rosto, como se, na surpresa, não soubesse como se desfazer dele. Levanta-se e sai sem dizer nada. Aproveita quando a ouve entrar no banho para levantar. Enfia a carta na mochila, abre a porta do quarto com cuidado. Pega um pacote de biscoitos na cozinha e sai.

O dia se estende, uma interminável sucessão de segundos que parecem decididos a não passar. Perambula pela praça, passa algumas vezes em frente ao hospital que por mais de 15 anos o pai dirigiu, engole um sanduíche na lanchonete ao lado da igreja. Passa um tempo na biblioteca municipal, um livro qualquer sobre a mesa, a carta

cuidadosamente esticada na página aberta. Às cinco, decide subir ao morro da santa, de onde se via a trama diminuta das ruas da cidade. Senta-se num banco, o silêncio, apenas o vento nas árvores. Às seis, o sino da igreja ecoa pelo morro e, quase sem querer, ele volta os olhos para a imagem da santa. Surpreende-se comprando uma vela com a zeladora, a velha Chica, os olhos miúdos por trás das lentes grossas dos óculos, procurando sempre ouvidos penitentes para desfiar um terço de milagres. André escolhe um canto mais vazio e acende a vela. Fecha os olhos, tentando descobrir na febre dos pensamentos um fio perdido de prece. Sente então a mão em seus ombros, um leve movimento, forçando-o a se ajoelhar. É a velha. Sorri o riso de poucos dentes e se ajoelha a seu lado, a mão áspera apertando a sua, enquanto a voz rouca repete um padre-nosso. Subitamente a prece surge de seus lábios, e ele a murmura de olhos fechados, algo estranho lhe apertando a boca do estômago, talvez aquilo fosse fé. Sim, devia ser fé. A mão da velha faz subir um calor pelo braço, aliviando um pouco o gelo no peito. André desejou deitar naquele colo largo e sentir os dedos ásperos e firmes nos cabelos, até que conseguisse dormir. Estava cansado.

Às 18h45 se dá conta de que está em frente ao bar do Dino, a perna dobrada encostada num poste. Ficava na praça e era o único da cidade que respeitava a insônia dos fregueses, portas abertas enquanto houvesse uma alma sedenta de álcool e companhia. Ali fora com o pai algumas vezes. Lembrava-se ainda menino, entrando pelas mãos dele, o Dino saindo detrás do balcão, uma alegria respeitosa pela visita, bom-dia, doutor, vai uma geladinha? O pai acenava, Dino, um prazer indisfarçável na voz quando gritava, Santuza, escolhe aí a mais gelada que o doutor está com sede. Eles se sentavam então junto à porta, Dino passava a mão em sua cabeça. E o menino, que tal umas empadinhas? Olhava para o pai que sacudia a cabeça concordando. Quatro, Dino, traz logo umas quatro, que estão aqui dois homens morrendo de fome. Gostava de ouvir o pai falar assim. Então apoiava o queixo nas mãos para escutar uma de suas histórias, uma pescaria incrível quando tinha sua idade, o passeio que fariam no próximo domingo, isso até começar a romaria de pacientes, um e outro parando para dar notícias de um parente ou pedir um conselho, uma consulta informal, será que é coisa dos rins, doutor? André logo emburrava, a zanga maior com os mais atrevidos que chegavam a puxar uma cadeira e começar ali mesmo, na mesa do bar, a choramingar pormenores fisiológicos que a palavra sempre benevolente do pai tentava aliviar.

— Ô Andrezinho, tá muito novo pra falar com poste – Dino lhe acena da porta.

Assustado, se dá conta de que ele o observa, uma toalha pendurada no pescoço.

— Prova amanhã, Dino, sabe como é, tem que recordar. E aí, muito movimento?

Ele passa a toalha pela careca suada, um muxoxo ressentido.

— E essa cidadezinha de merda tem movimento quando? Ainda mais segunda-feira. Segunda é a morte. Só os de sempre, mas esses já nem conto mais. Anda, vem tomar uma cerveja comigo. Foi seu aniversário ontem, não é? Quantos anos você fez?

— Dezoito.

— Ah, então temos mesmo que comemorar – passa os braços em seus ombros, um cheiro de suor, cigarro e fritura, a voz meio enrouquecida, quando diz:

— Seu pai ia ficar muito orgulhoso de te ver assim.

Entram. Num relance de olhos, André se dá conta das três mesas ocupadas, enquanto senta junto ao balcão.

— Santuza, escolhe a mais gelada que vamos fazer um brinde ao André. O menino agora é um homem, mulher, fez 18 anos ontem. Já pode até casar.

André apoia-se no balcão e examina com mais cuidado os rostos conhecidos que repetem a rotina de alguns copos antes ou depois do jantar. Seu Nelson, o sapateiro, lugar cativo no bar e coração do Dino, desde que perdera a mulher. Nestor e Jeremias, caixas do banco, não raro saindo dali brigados, uma aparente maldição fazendo-os sempre desejar a mesma mulher. O pôquer semanal dos irmãos Silva, apostando fatias da herança em partidas intermináveis. André mal conteve um suspiro aliviado ao confirmar apenas os mesmos fregueses que nem pareciam notar sua presença. Dino abre a cerveja, até Santuza vem com um copo, brindam os três. André engole de um trago. Fecha os olhos enquanto sente o líquido descer, um gelado bom correndo pela garganta, quase desfazendo o nó que, desde a manhã, o impedia de respirar. Quando abriu os olhos, percebeu o rosto de Dino subitamente pálido. Santuza se apressa em voltar para a pia, joga fora a cerveja de que tomara só um gole, e começa a lavar os copos com quase fúria. Dino ergue as mãos num aceno – trêmulo? – e se afasta do balcão para atender o freguês que acabara de entrar. André volta-se para acompanhá-lo e mal seus olhos esbarram no homem que chegara se arrepende. Deixa o copo no balcão e ergue a mão – trêmula, também trêmula – para o homem que continua parado na porta, os olhos – duas poças vermelhas –, grudados nele.

— Boa-noite, Dr. Afonso, olha, sua mesinha está aí esperando.

A voz de Dino soa como a fala muito ensaiada de um

mau ator. Ele se apressa até a mesa mais afastada, um trapo tentando desvelar algum brilho na toalha de plástico. Afonso tira a mão do bolso e acena para André, os dentes escurecidos de nicotina, o sorriso. André não consegue desgrudar os olhos do homem meio encurvado, a camisa amarrotada quase chegando às coxas, os passos que se arrastam até a mesa. Ele passa os dedos pelos cabelos fartos – os cabelos que amanheceram irremediavelmente brancos um dia depois do acidente que lhe matou o filho. André sente os olhos subitamente úmidos. É o rosto de Henrique que parece espiá-lo ali da porta, o riso displicente, a mochila nas costas quando bateu em sua casa cedo naquele sábado. Vamos nadar, André, vai fazer um puta calor hoje. Ele abriu a janela, o sono grudando má vontade em cada gesto. Que horas são, Rick? Ah, sei lá, que diferença faz com um solzão desse. André olhou pela janela, um céu absolutamente azul, ia ser um grande sábado, não tinha dúvida, mas precisava dormir. Vou mais tarde, Rick, a gente se vê lá. Foi a última vez que viu Henrique. Pouco depois das 11, o telefone tocou. Era o Beto falando que tinha acontecido uma coisa horrível. O rio, a pedra do alto, ele cismou de pular como sempre. Só que dessa vez calculou mal. A porra daquela pedra no meio, André, a porra daquela pedra, Beto não conseguiu mais falar e André viu o telefone balançar de sua mão, os olhos doendo de tão secos. Encontraram o corpo no fim da tarde. No dia seguinte, era branca a cabeça cabisbaixa de Afonso, caminhando na frente de todos.

Dino está de volta ao balcão. Pega na prateleira uma garrafa de uísque, escolhe um copo, recolhe na geladeira umas pedras de gelo. Ao passar por André, abana a cabeça. Ele vira no copo o resto da cerveja que ficara na garrafa. Um correr de cacos de vidro traçando uma linha de dor na garganta. Passa as mãos pelos olhos e tudo o que mais queria era estar agora em casa, um filme qualquer na tevê, a mãe ao lado, vez e outra a onda terna de seu amor buscando seus olhos, um roçar de dedos nos cabelos.

– Ele pediu pra você ir até lá.

– O quê? – levanta os olhos do fundo do copo e encara Dino sem entender.

– O doutor Afonso, ele pediu pra você ir lá. Quer falar com você.

André se volta lentamente, como para ter certeza de que era verdade – era o pai de Henrique sim quem estava ali sentado, com a posta vermelha dos olhos fitando-o.

– Anda, vai logo. Não custa nada. Você não era o melhor amigo do filho dele?

André não responde, mas o pânico ata cada um de seus músculos.

– Anda, vai lá, que já te levo uma geladinha.

Dino aperta seu braço. André passa a mão pelos cabelos, segura a mochila, levanta-se, gestos pausados, sem pressa, como se torcendo para que algo repentino interrompesse aquele instante. Um terremoto, um súbito incêndio brotando da cozinha, tudo para que não tivesse de chegar nunca à mesa onde os olhos do pai de Henrique o aguardam. – Anda, senta aí. Eu não mordo – um riso ou soluço que ele logo disfarça com um gole de uísque, o copo cheio, uma única pedra de gelo.

– Você não bebe nada?

André não precisa responder, Dino já chega, garrafa, copo, a toalha esfregando nervosa o tampo da mesa, a voz atropelando o silêncio que se instalara entre os dois.

– Trouxe uma cervejinha gelada que esse agora já pode beber. Fez 18 ontem. Não é uma bela idade... – Dino pára subitamente. Pede licença e se afasta abanando a cabeça.

– Dezoito anos. Que nem o Rico. Ele também faria 18, em outubro. Você é só três meses mais velho. Só três meses. – Ele fecha os olhos e um riso arranha a boca. – Vocês eram muito amigos, não é? Ele gostava tanto de você. Te considerava um irmão.

Os olhos se enchem d'água. André não tem certeza se são mesmo lágrimas que afloram ali ou se, de repente, é a sombra da loucura à espreita.

– Você esteve com o Rico naquele dia? – a pergunta soa ríspida.

– Ele passou lá em casa. Ele... ele queria que eu fosse...

– Nadar no rio. Ele chamou você então.

– É, mas eu estava com sono e...

Morde os lábios, a voz trêmula.

– Não fica assim, filho. Você podia estar lá, não quer dizer que ia ser diferente.

Afonso lhe passa o copo de uísque.

– Dá um gole. Vai te fazer bem.

André obedece. O homem reclinava-se na cadeira e os olhos passeiam pelo teto.

– Aquele dia nós íamos viajar.

Fecha os olhos e desta vez André não tem dúvida, são lágrimas que escorrem pelo rosto.

– Só nós três, uma pescaria. Já estava tudo preparado, há muito tempo a gente não saía assim em família, e o Rico gostava disso, como gostava.

Abre os olhos.

– Mas eu esqueci – bate com a mão na testa, a marca dos dedos se imprime na pele branca.

– As noites de sexta são muito longas para um homem, sem hora para acabar. Você entende o que quero dizer, filho?

Procura a carteira de cigarro no bolso, estende para André que recusa, acende um.

— E foi assim que, quando cheguei em casa de manhã, depois dessa longa noite de... reuniões – ri – ele tinha saído. Linda não sabia para onde, achamos que não ia demorar, até colocamos as coisas no carro, eu tinha prometido, não ia deixar de cumprir minha palavra, você acredita em mim? O cigarro dança na boca, enquanto as mãos desenham o ar.

— Mas não deu tempo. Quando voltei a ver meu filho, não dava mais tempo de cumprir nenhuma promessa. Nem que eu desse a porra da minha vida, e você pode apostar que eu daria, ah, como daria, não dava mais tempo.

Respira fundo, aperta no cinzeiro o filtro do cigarro, engole de uma vez o meio copo de uísque, mastiga o gelo.

— E é por isso que decidi nunca mais o tempo, Deus ou seja lá que porra é essa que manda na vida da gente, decidir as coisas por mim.

Os dois braços se estendem sobre a mesa e seguram André pelos pulsos. O cheiro de álcool, o suor na testa, os dedos o prendem com força, chega a lhe sentir as unhas.

— Você leu a carta, não leu? Pedi ao Pedro para enfiar num caderno seu. Eu sabia que você viria – olha firme em seus olhos, um sorriso se definindo na boca.

— O que você quis dizer com aquilo? Por que inventou essa história?

— Ninguém inventa a verdade... filho. A verdade é que nem um elefante branco, não adianta querer enfiar no armário e dizer que não existe. Há 18 anos, antes de você e Henrique nascerem, Linda e eu não estávamos muito bem. Já te falei que um homem tem suas necessidades. E então tinha a casa da Ruth. Seu pai nunca te falou dela? Ficava meio longe aqui do centro, mas lá a gente sabia o que podia encontrar, a hora que fosse. Só que as mulheres também têm suas necessidades, isso você logo, logo vai perceber, e a Ruth decidiu que tinha que mudar de ramo. A idade estava chegando, queria filho, família, queria se aposentar da vida de puteiro. Outro cigarro, mais uísque, André lança para o balcão um olhar de desespero, não queria mais ouvir, por favor, Dino, diz que minha mãe ligou, que eu preciso ir.

— Um mulherão a Ruth. Bonita e decidida. Ninguém tirava uma ideia da cabeça dela. Coisa do sangue índio que tinha nas veias. Quando me falou que estava grávida e que o filho era meu, perguntei quanto queria pra fazer o aborto. Sei como são essas mulheres, tudo é motivo pra arrancar dinheiro da gente, mas a Ruth não. Ela tinha decidido ter um filho e tinha me escolhido para pai. Sacanagem, porque bem naquela época eu e a Linda, a gente estava bem. Ela também descobrira que estava grávida, e eu tinha certeza de que um filho ia fazer de mim um homem diferente. Então um dia eu e a Ruth tivemos uma discussão. Uma briga horrível. Perdi a cabeça, confesso, mas ela sabia como

enlouquecer um homem, ah, isso a Ruth sabia como ninguém. Saí quando ela começou a passar mal. Seu pai veio logo, mas ela nunca cuidou muito da saúde, já tinha uma certa idade. Ele fez de tudo, mas foi um parto muito difícil. Dificílimo. Só deu pra salvar a criança. O menino.

Ele toma um gole do uísque, deixando o líquido correr um tempo pela boca, antes de engolir.

— Naquela noite mesmo, seu pai levou a criança para casa... Sua mãe não conseguia engravidar, já tinham até perdido as esperanças. Três meses depois, o Henrique nasceu. E vocês cresceram juntos. Como se fossem irmãos.

André não tira os olhos da mesa. O homem agora soluça, mas não quer ver suas lágrimas. Não quer olhar de novo. Não pode...

— Você entende então...

É uma chuva gelada e fina que encontra na rua. Do bar chegam ainda os gritos de Dino, o barulho de copos e garrafas sendo quebrados. Não sabe dizer como pôde se soltar da loucura daqueles olhos, os dedos finos tentando ainda agarrá-lo quando levantou, o copo de uísque raspando por sua cabeça, a garrafa estourando na mesa ao lado. É uma noite fria e escura que o engole. Sem olhar, tira da mochila o papel amassado que vai cortando meticulosamente. Nenhuma letra viva daquela história. Nada. Só precisa agora chegar em casa. Precisa olhar nos olhos da mãe e não deixar que o tempo ou seja lá o que for decidam por ele o destino de sua vida.

SÔNIA PEÇANHA

nasceu e mora em Niterói (RJ). Mestre em literatura brasileira (UFRJ), é autora de *Depois de sempre* (EDUFF, semifinalista do prêmio Jabuti/1993) e *Traição e outros desejos* (Objetiva, 2002).



Guardiã da boa literatura

HUGO ALMEIDA

É impossível encontrar autora brasileira tão premiada e ao mesmo tempo com tão rara presença na mídia. Acontece que ela não faz concessões, não escreve livros óbvios, não frequenta grupos. Sabe que a arte exige liberdade e distância do poder, qualquer que seja – aliás, ela se mudou de Brasília para o Rio. Stella Maris Rezende, mineira de Dores do Indaiá, já conquistou os prêmios mais desejados e sérios de literatura infanto-juvenil do Brasil. Arrebatou o João-de-Barro três vezes, a primeira em 1986 com *O último dia de brincar*, considerado um dos dez melhores livros no gênero da década de 80 e, depois, um dos cem do século, além de reunir uma série de outras distinções (talvez seja o livro brasileiro mais laureado). Faturou também o Nestlé em 1988 com *Alegria pura*. Em 2010, a Dimensão, de Belo Horizonte, reuniu esses dois livros sob o título de *Maravilhosa e inesquecível ideia de amar*, com primorosas ilustrações de Demóstenes Vargas. Com *Família contadeira de histórias*, Stella ganhou em 2008 o Prêmio Literatura para Todos, do Ministério da Educação. De seus quase 35 livros, mais da metade tem o selo de Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Isso é apenas amostragem.

Quando estreou com os contos de *Dentro das lamparinas* (1979), foi saudada por Cyro dos Anjos: “Um livro que comove pela bela forma literária e pela humanidade dos tipos que traz à convivência do leitor”. O autor de *O amanuense Belmiro* foi na veia, como se diz hoje: forma e humanidade. Algumas outras vozes expressivas já se manifestaram sobre a obra de Stella (há poucos anos ela dobrou o ele, solitário nos livros anteriores). Parece que seu nome ganhou mais fôlego e vigor, a exemplo de suas histórias. Admir Perroti, Jacob Pinheiro Goldberg, Laura Sandroni, Manuel da Costa Pinto, Marcos Bagno e Tatiana Belinky são alguns das pessoas que já escreveram sobre a obra Stella. Ressaltaram a leveza, a densidade psicológica, a emoção, a alegria, a poesia de sua prosa. Outra concordância: os livros dela são para todas as idades. No site da escritora (stellamarisrezende.com.br), estão esses e outros textos.

O registro mais amplo que Stella mereceu veio de Nelly Novaes Coelho, em quase quatro páginas da 5ª edição do *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira* (Companhia Editora Nacional, 2008). O que Nelly escreveu sobre *O último dia de brincar* (Miguilim, 1987) vale para a maioria dos livros de Stella: “A grande sedução das tramas e a delicadeza das emoções vividas pelas personagens estão, indiscutivelmente, na linguagem especial da autora (oralidade transfigurada, palavra seivosa e concisa, carregada de intenções e gradações que provocam sua alta temperatura poética)”. Sobre o forte e delicioso *O sonho selvagem* (Moderna, 1988), a crítica escreveu: “Novamente a linguagem lúdica e descontraída/travada, fragmentada e abrangente, mostrando o visível aparente e sugerindo os abismos por onde a alma ou a imaginação perambulam...”. Já em *Sem medo de amar* (Moderna, 1990) Nelly constatou: “Há uma sutil mudança de linguagem: do tom interiorano para o cidadão. Mas o sabor continua o mesmo”.

Na primeira infância, Stella ouvia histórias de sua mãe (“voz bonita que sabia cantar”, lembra a escritora no poema “Sem sair de casa”, de *Temporã*, 1980, livro com ecos de Drummond e Bandeira e bonitos desenhos a lápis da própria autora que merece reedição). Antes de ler e escrever, contava histórias inventadas na hora para seus irmãos mais novos, a plateia atenta. No primário, uma professora sensível chamada Marlene encantou-se com uma redação (na época, “composição”) da menina e vaticinou: “Stella, você vai ser escritora”. Coraçozinho des-tramelou. Seu primeiro livro, *Dentro das lamparinas* (contos, 1979), que também pede reedição, traz reproduções de lindas e poéticas pinturas a óleo da escritora.

São muitas as joias do requintado estojo de Stella (os nomes das personagens, pequenos diamantes – alguns: Anitó, Bigail, Carmosina, Danja, Estergilda, Flaviana, Gabínio, Isorina, João-Chama-Chuva, Loreta, Mundica, Niquinho, Oslena, Polidora, Quequé, Rosalena, Salvina, Tonhita, Ubaldino, Varduína, Zé-Nosso e Ziã). Joias brilham quando são vistas. São muitas e de vários quilates, como o delicado *A filha da vendadora de Crisântemos* (Paulus, 2008) e a dupla viagem (pelo Brasil e pelos nomes da personagem) de *A mocinha do Mercado Central* (Globo, 2011), encantadora novela de cem páginas.

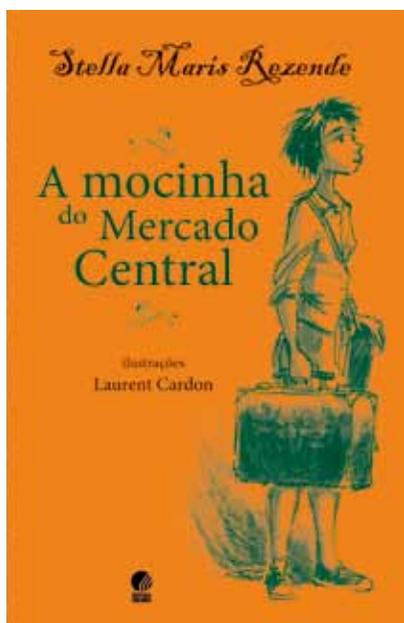
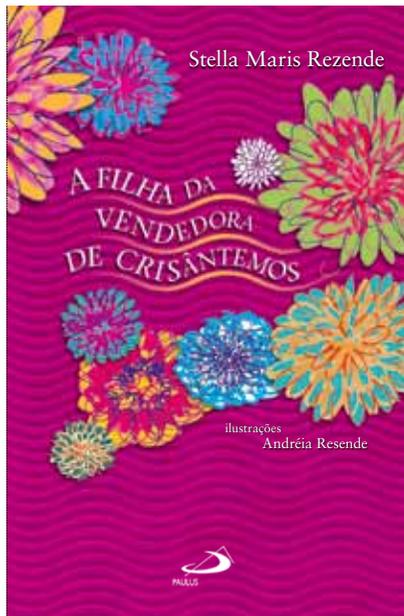
Mas quero tratar aqui, em especial, de outra preciosidade recente, lapidada com esmero de ourives, *A guardiã dos segredos de família*, Prêmio Barco a Valor 2010. Lançado pela SM em 2011, esse livro é difícil de ser encontrado, mesmo nas boas livrarias – quase sempre é preciso encomendar. Mas vale a pena esperar uma semana, dez dias, quinze, o tempo que for necessário. O melhor, contudo, seria um trabalho eficiente de divulgação e distribuição – a exemplo de *A guardiã*, obras como *O rapaz que não era de Liverpool* (2005), do gaúcho Caio Riter, e *O sumiço da pantufa* (2010), da mineira Mariângela Haddad, também premiados com o Barco a Vapor, deveriam estar nas melhores livrarias do País e ter tradução promovida pela SM, a começar na Espanha, país de origem da editora.

Ainda que essa história de Stella também tenha personagens com nomes curiosos e trate de um tema caro à autora, o amor, seria tolice pensar que ela se repete. Sim, temos aqui Corália, Delminda e Lilita, mas a personagem central, Nenenzinha, chama-se Maria Francisca. Como em todo bom escritor, a cada livro Stella torna mais ricas e sutis a trama e a teia do texto.

Se boa parte de seus títulos traz o substantivo amor (quase sempre entre adolescentes), o verbo amar ou variantes, o amor em *A guardiã dos segredos de família* é de outra natureza, mais amplo e maduro, ainda que Nenenzinha, tia dedicada à criação de quatro sobrinhos órfãos (Niquinho, Chiquito, Quinzinho e Célia), tenha apenas 13 anos e seja uma “fripinha” de gente. Ela enfrenta “coisas ásperas para reconhecer ou inventar delicadezas”. Quando quer mesmo uma coisa, a menina cresce, fica enorme, “a cabeça quase encosta no telhado da casa”. Com ternura e esperteza, ela domina a bela, cruel e preguiçosa Delminda, casada com Tião, padeiro, irmão de Nenenzinha. Sem querer, a menina descobre algo que a “bruxa” tenta esconder. Entre suas perversidades, a mulher não quer que o marido dê pão às crianças, nem dormido. A menina, no entanto, dá um jeito. O irmão a pressiona. “O que você prefere que desapareçam? Pães dormidos ou crianças acordadas?”, ela responde. O padeiro esquece o assunto.

Mesmo que não conheça, Stella usa com maestria a fórmula de Tolstoi citada por Orhan Pamuk em *O romancista ingênuo e o sentimental* (Companhia das Letras, 2011): “Se o herói de um romance é muito mau, é preciso dotá-lo de um pouco de bondade; se é muito bom, cabe dotá-lo de um pouco de maldade”. Nenenzinha e Delminda possuem esses atenuantes. A menina usa o segredo – mas nada revela a ninguém – em proveito dos sobrinhos, e Delminda, arrependida do deslize, acaba por reconhecer “a elegância de alma” de Maria Francisca.

O segredo é apenas parte da história. A tia resgata a memória da família, ao fazer com as crianças a “árvore genial e lógica” de seus antepassados, a maioria com Francisco ou Francisca no nome. Mais ainda do que isso, Nenenzinha consegue salvar os quatro sobrinhos, o irmão Sebastião e Delminda da “fúria” de uma inundação causada pela represa de Três Marias. Nesse ato da pequena heroína, podemos ver uma metáfora do afogamento a que “a família destroçadinha” estava sujeita,



não fosse o amor da tia abnegada que criou os meninos com alegria. Toda síntese de livro é pobre, pouco revela das voltas da história na linguagem e na trama, sobretudo quando se trata de uma guardiã da boa literatura. Melhor assim, o leitor encontrará surpresas e delícias com a leitura do original.

O que é preciso para ser escritor? Num ensaio de *Que horas são?*, Roberto Schwarz dá uma resposta: “As condições necessárias para fazer um escritor resumem-se em papel e tinta, alguns livros, e a experiência da vida moderna, à qual aliás não se escapa mesmo”. Stella Maris Rezende reflete sobre a questão em *Esses livros dentro da gente* (Casa da Palavra, 2007) em tom afetoso, espécie de guia a candidatos a escritor, que devem ler também o essencial *Guerra sem testemunhas – O escritor, sua condição e a realidade social*, de Osman Lins. Principal dica de Stella: “Exige-se ternura. Uma infinita ternura. Para com todos os seres humanos” – em consequência, as personagens. Para ela, o escritor tem que “ser uma pessoa insatisfeita”; “ter a cabeça meio avoadada”; “ir fundo na alma”; “ter paciência”. E finalmente: “tem que ter paixão por silêncios”.

HUGO ALMEIDA

escritor e jornalista, doutor em Literatura Brasileira pela USP, é autor do romance *Mil corações solitários* (Prêmio Nestlé-1988) e dos infanto-juvenis *Meu nome é Fogo* e *Viagem à Lua de canoa* (PNBE, 2011), entre outros.

HISTÓRIA incompleta OU INFORTÚNIOS DE UM CAPITÃO

SERGIO FARACO

Em 1998, em Paris, um professor da Escola Superior de Guerra Naval e especialista em histórias do mar, Philippe Masson (1928-2005), publicou um estudo sobre o mais afamado naufrágio de todos os tempos: *Le drame du Titanic*. Para coincidir com o centenário da tragédia, aparece a versão brasileira – com o título modificado –, um lançamento da Editora Contexto, de São Paulo: *Titanic: a história completa*.

E é completa?

E é exata, ao menos?

Logo no início, um ligeiro lapso no calendário. O livro apresenta uma tabela denominada “Quadro de honra da Fita Azul do Atlântico”, que sumariza o prêmio anual conferido ao navio mais veloz na travessia atlântica, em serviço regular. A lista vem desde 1819. Bem, a Fita Azul só foi criada pelas companhias marítimas em 1860.

Ao tratar da indicação do Capitão Edward Smith para o comando do Titanic, Masson o reputa o mais experiente oficial em águas do Atlântico, com apenas um acidente na carreira, o do choque do Olympic com um cruzador da marinha inglesa. Aqui, o lapso é maior: o cartel de acidentes do renomado homem do mar é assustador. Em 1887, o Republic encalha perto de Nova York, e no mesmo dia a explosão de uma caldeira mata três tripulantes. Quem é o capitão? Ele. Em 1890, um vapor sob seu comando encalha no litoral do Rio de Janeiro. Em 1903, Smith comanda o Majestic quando o vapor é seriamente danificado por um incêndio. Três anos depois, outro incêndio, com importantes avarias, no Baltic, e é ele o capitão. Em 1909, mais um cochilo: o Adriatic encalha não longe de Nova York. Seus contratempos no comando do Olympic também impressionam. Em 1911, a 14 de junho, o vapor parte de Southampton em sua primeira viagem e, na chegada a Nova York, quase esmaga um rebocador; a 20 de setembro do mesmo ano, o abalroamento com o cruzador Hawke no Estreito de Solent, entre a Ilha de Wight e a Inglaterra; e a 3

de fevereiro do ano seguinte, dois meses antes do embarque no Titanic, Smith bate o restaurado Olympic contra um banco de areia, ao largo de Terra Nova, e o navio perde uma hélice.

O que significam esses reveses? Má fortuna? Incapacidade para comandar grandes embarcações? E isso após tantos anos de serviço e tantos navios? O prestígio do Capitão Smith junto à White Star Line é um mistério. Mal começa a viagem, sobrevém um quase acidente no canal de Southampton, que Masson só vai lembrar no quinto capítulo, não como resenha das milhas inaugurais da travessia, mas ao versar seus maus presságios. É o mesmo erro cometido no Estreito de Solent. A sucção do deslocamento do Titanic, o “efeito canal” que Smith novamente não prevê – diz-se que bastava ir mais devagar –, faz balançar o vapor fundeado New York, que rebenta seis cabos de amarração de 15cm de diâmetro e se movimenta, a popa na direção do Titanic. Vai bater. O capitão reverte os motores e, de acordo com Masson, a manobra é exitosa. Não foi assim. Quem evita a colisão é o rebocador Vulcan, que segura um dos cabos da embarcação à deriva. O New York deixa de abalroar o Titanic por escasso 1,20m.

Para o francês, a viagem começou às maravilhas, e o engenheiro Thomas Andrews, em suas vistorias, constatou insignificâncias: o navio pende para bombordo – é preciso equilibrar a distribuição da carga e do carvão –, o aquecimento de certas cabines da segunda classe não é o desejado, o salão de leitura poderia ser menor. No entanto, há um problema no convés G cujas consequências vão apressar o afundamento de um navio que podia flutuar com quatro compartimentos estanques invadidos pela água. E não há uma única notícia de que o comandante, nas revistas diárias, tenha estranhado ou temido essa ocorrência. Desde o dia 3 de abril, isto é, sete dias antes da partida para Nova York, quando o navio se desloca do estaleiro de Belfast para Southampton, há um incêndio em uma das carvoeiras! E continua no dia 7, um domingo, já em Southampton, quando os tripulantes são dispensados para se despedir

das famílias, exceto aqueles que tentam apagar o braseiro. E continua no dia 9, quando o supervisor do Board of Trade faz uma inspeção superficial e atribui ao navio um certificado de qualidade. E continua no dia 10, quando o Titanic zarpa, e vai continuar até o dia 13, por causa da baixa pressão das mangueiras. Masson o evoca só no sexto capítulo, e assim mesmo para discutir um achado das expedições de mergulho que não tem nenhuma relação com o fogo. Para os exegetas do naufrágio, o incêndio afetou a parede da carvoeira, que era também uma anteparo. Fragilizada, essa divisória será derrubada pela água na primeira hora do dia 15, abrindo o quinto e fatal compartimento para o mar.

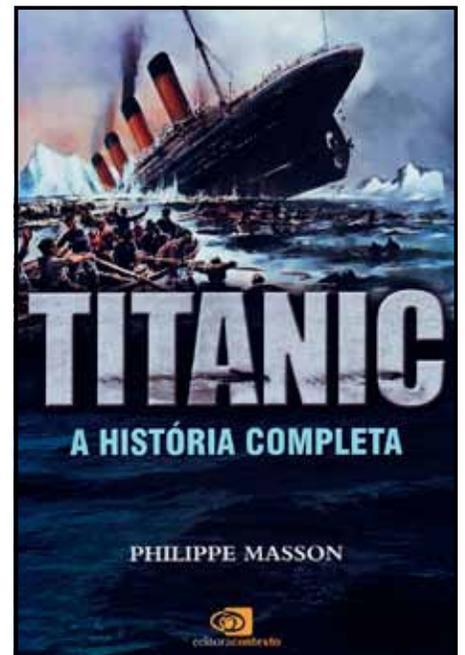
Os infortúnios desse Francesco Schettino da belle époque não terminam ali. Às 13h42min do dia 14 de abril, o telegrafista recebe do vapor Baltic a terceira advertência de gelo à frente e a encaminha a Smith, que almoça com J. Bruce Ismay, presidente da WSL, e o banqueiro George Widener. O capitão a lê e, em vez de mandar afixá-la na sala de navegação ou na sala dos mapas, entrega-a a Ismay, que a põe no bolso. Às 19h30min, chega do cargueiro Californian a quinta advertência – três grandes icebergs na rota do Titanic –, mas Smith não toma conhecimento, ele está sendo homenageado num dos restaurantes da primeira classe.

Acrescente-se o doloroso caso dos binóculos, que Masson parece desconhecer. Em Southampton, na véspera de levantar âncora, Smith traz do Olympic um novo chefe dos oficiais, Henry Wilde – uma pálida figura nas horas cruciais do naufrágio. O chefe que veio desde Belfast, William Murdoch, é rebaixado para primeiro oficial, e o primeiro oficial, Charles Lightoller, passa a ser o segundo. O resultado dessas alterações, assevera o autor, não teria ultrapassado certo desconforto e um fugaz conflito de autoridade. Nada mais? Ora, para que Lightoller assuma o novo e inferior posto, o segundo oficial, David Blair, é afastado e, para sua felicidade, não viaja. Blair é o único oficial que sabe onde foram guardados os binóculos que os vigias no cesto da gávea pedem com insistência – os mesmos que eles usaram de Belfast para Southampton. Os oficiais não se recusam a fornecê-los, como supõe o francês, eles ignoram onde estão, exceto o da sala de navegação, que não pode ser cedido. Mas há outro binóculo na sala, reservado para os práticos dos portos. Por que não o cederam? Que lástima! O vigia Frederick Fleet vê o iceberg de uma distância inferior a 500m, mas são necessários 20 a 30 segundos para que o leme responda ao timão, isto é, um avanço de 600m, na velocidade em que está o navio. Tarde demais. Não há lua, mas a noite é clara, estrelada, o mar tem a placidez de um lago. Um binóculo, quem sabe, teria revelado a tempo o monte de gelo que se eleva a quase 20m da superfície do mar.

No inquérito instaurado ainda em abril no Senado dos Estados Unidos, para investigar as circunstâncias do desastre, um senador pergunta a Fleet se, com o binóculo, ele teria visto o iceberg. “Nós o veríamos um pouco mais cedo”, diz Fleet. “Quanto mais cedo”, insiste o senador. Resposta: “O bastante para poder evitá-lo”.

A olho nu, quando viram já tão próxima aquela massa fantasmal, alarmaram-se os vigias. Fleet toca o sino três vezes e grita ao telefone: “Iceberg! Direto à proa!” Segundo Masson, o primeiro oficial Murdoch agradece, ordena ao timoneiro que vire todo o timão para bombordo e em seguida aciona a alavanca do telégrafo: parar motores e revertê-los a toda potência. Há dois pequenos enganos nessa descrição. Um: quem recebe o telefonema de Fleet não é o primeiro oficial, que está na asa da ponte, longe do telefone, mas o sexto, James Moody, e é ele quem, educadamente, agradece o aviso. Dois: Murdoch corre e manda o timoneiro carregar o leme não para bombordo, mas para estibordo (boreste). Sim, a proa, lentamente, começa a virar para bombordo, mas o que precisa ser entendido é que a discrepância entre o comando para estibordo e o movimento do navio para o outro lado deriva do ilógico sistema em uso, com uma haste de ferro na cabeça do leme, determinando que, no mecanismo direcional, a ordem de carregar em dada direção resulte em ação inversa. A partir de 1928, esse mecanismo será substituído por um sistema lógico.

O historiador francês escreveu um livro que se lê com interesse, mas a história que conta não é muito exata, está longe de ser completa e talvez nem tenha sido esta a sua intenção. Seu mérito cardeal não é o naufrágio, mas a crônica das expedições que desvelaram os restos do Titanic e das desinteligências entre norte-americanos e franceses sobre o que fazer com a fascinante descoberta. Nessa parte, Masson não deixa escapar nem os mexericos.

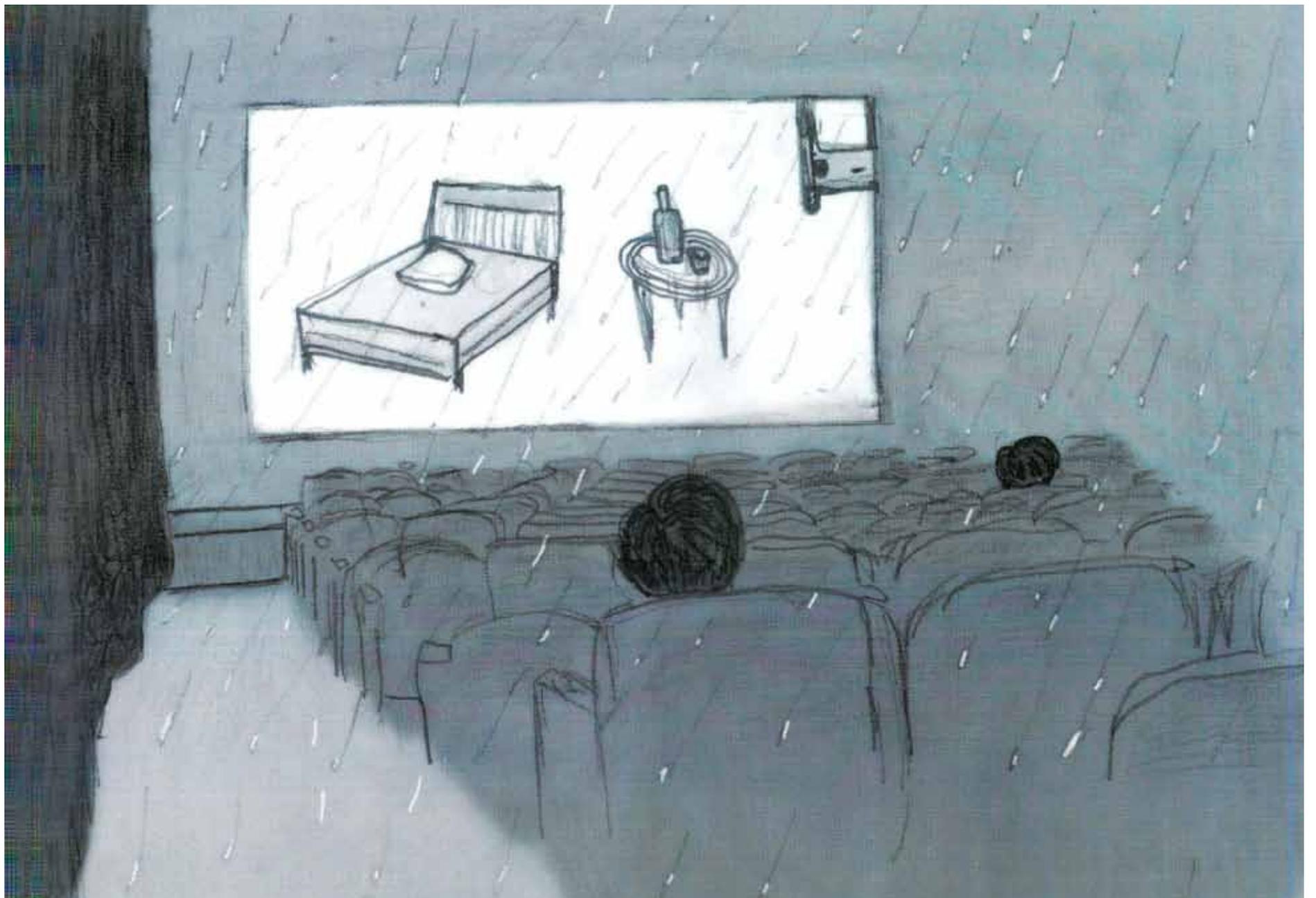


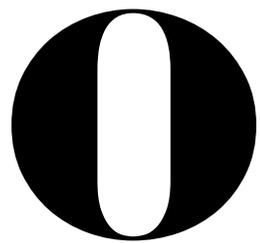
SERGIO FARACO

gaúcho de Alegrete, é considerado um dos maiores contistas brasileiros contemporâneos, com obras editadas em mais de uma dezena de países.

A DESESPERANÇA FINAL DE NÃO SER PERSONAGEM

CONTO DE CUNHA DE LEIRADELLA





ntem, quando entrei no cinema, chovia muito. Aliás, já chovia demais quando saí do escritório. Mas não me importei. Acendi um cigarro e esperei debaixo da marquise. Sempre chove demais, quando chove.

Esperei mais de uma hora, mas consegui pegar um ônibus vazio. Eu e uma moça. A moça sentou junto do motorista e começou a limpar a cara com um lenço. Sentei junto do cobrador e pensei que devia fazer a mesma coisa. Mas não tinha lenço e não quis pedir ao cobrador. Ele podia não ter ou não querer emprestar.

Ainda chovia e o ônibus andava devagar. Mas não tinha importância. Quando chegasse em casa, apenas deitaria na minha cama e tomaria uma dose de conhaque. Mais nada. Nada mais me esperava no meu quarto. Fechei os olhos e pensei na cama e no conhaque. Não tinha mais em que pensar.

Quando o ônibus chegou naquele bairro, mesmo de olhos fechados, percebi as luzes coloridas dos letreiros. Abri os olhos e olhei a rua. A água corria nas calçadas e os pingos batiam com força nos vidros das vitrines. Um homem gordo, segurando um jornal molhado na cabeça, correu para o meio da rua e abriu os braços, gesticulando. O motorista riu e apontou o homem ao cobrador. O cobrador riu também e o motorista abriu a porta. O homem entrou, esbaforido, olhando para mim.

Antes que o motorista fechasse a porta, saltei do ônibus. Não morava no bairro, nem conhecia ninguém lá, mas não podia continuar naquele ônibus. E se aquele homem saltasse no meu ponto e pedisse para tomar um conhaque na minha casa e dormir na minha cama?

Quando saltei, ainda escutei o riso do cobrador. Mas não me importei. Ele não era como eu. Não podia sair daquele ônibus e fazer o que quisesse. Mesmo andar na chuva, enquanto todo mundo corria e se abrigava.

Atravessei a rua e parei na porta do cinema. O porteiro olhou-me e esfregou as mãos com força. Olhei a cara dele, olhei a chuva, olhei as lanternas vermelhas dos ônibus e dos carros, e pedi uma entrada à bilheteira. Não tinha pensado em ir ao cinema. Mas lá dentro, pelo menos, aquele homem não poderia encontrar-me e pedir para tomar um conhaque na minha casa e dormir na minha cama.

Só meia dúzia de pessoas se espalhavam pela sala. Mas, mesmo assim, sentei bem na frente, longe delas. Não gosto que me olhem. Fechei os olhos e deixei as vozes dos atores e a música envolverem os meus ouvidos. De vez em quando, alguém tossia ou espirrava. Mas era só. Todos estavam longe e o som logo sumia atrás de mim.

Não sei quanto tempo fiquei assim. Mas não me importei. Pelo menos, ninguém me olhava e ninguém poderia pedir para tomar um conhaque na minha casa e dormir na minha cama. Tranquilo, ajeitei-me na cadeira e deixei o corpo relaxar. Mas alguém tossiu mais forte, pigarreou



e cuspiu no chão, e o ruído incomodou-me. Abri os olhos. Na tela, a imagem passeava por uma rua alagada pela chuva. Olhei aquela água, escorrendo nas paredes e encharcando no chão, e, de repente, a imagem fixou-se numa esquina e um vulto apareceu. Andava curvado, os sapatos chapinhando e os pingos batendo na cabeça. Andou até o meio da rua e parou. Num corte brusco, o rosto encheu a tela e ele me olhou, como se quisesse entrar no meu olhar. Não gosto que me olhem, mas aquele olhar não me deu medo. O vulto estava parado e só a chuva escorria pelo rosto. Levantei as mãos e passei-as no meu rosto. Silenciosamente, a mesma chuva escorreu pelos meus dedos. Olhei-o outra vez e o olhar já não olhava. Gritava que eu fizesse alguma coisa.

E eu fiz. Levantei-me e entrei na tela, querendo que ele me pedisse para tomar um conhaque na minha casa e dormir na minha cama.

CUNHA DE LEIRADELLA

escritor português, morou durante muitos anos em Belo Horizonte, onde publicou diversos romances e livros de contos. Há alguns anos voltou a Portugal, sem deixar de manter vínculos com o Brasil.

AMOR DEPOIS de AMOR

DEREK WALCOTT
TRADUÇÃO DE RODRIGO GARCIA LOPES

Virá o tempo
em que você, exaltado,
vai saudar a si mesmo chegando
à sua própria porta, em seu próprio espelho,
e vão trocar sorrisos de boas-vindas,

você vai dizer, sente-se. Coma.
Vai amar o estranho que um dia você foi.
Dê vinho. Dê pão. Devolva seu coração
pra ele mesmo, o estranho que o amou

por toda a sua vida, e a quem você ignorou
por outro alguém, que o conhece de cor.
Pegue da estante as cartas de amor,

as fotografias, as anotações desesperadas,
descasque seu reflexo do espelho.
Sente-se. Sirva-se da vida.

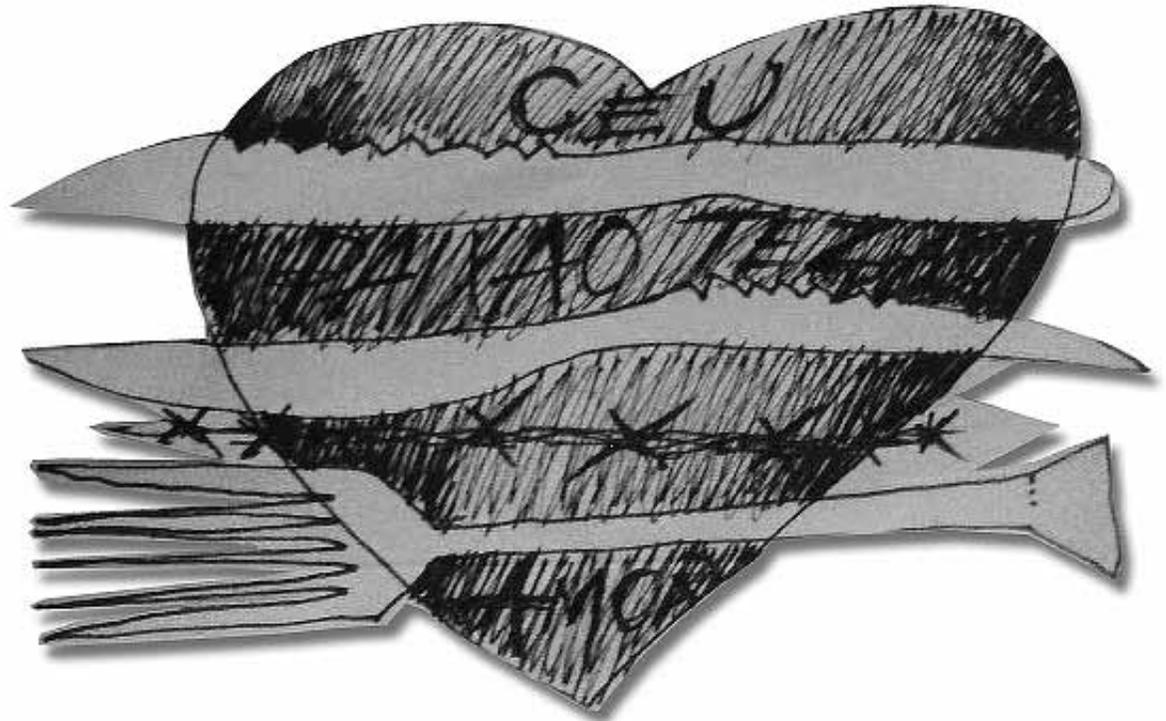
LOVE AFTER LOVE

The time will come
when, with elation
you will greet yourself arriving
at your own door, in your own mirror
and each will smile at the other's welcome,

and say, sit here. Eat.
You will love again the stranger who was your self.
Give wine. Give bread. Give back your heart
to itself, to the stranger who has loved you

all your life, whom you ignored
for another, who knows you by heart.
Take down the love letters from the bookshelf,

the photographs, the desperate notes,
peel your own image from the mirror.
Sit. Feast on your life.



DEREK WALCOTT

nasceu em 1930 na ilha de Santa
Lúcia, Índias Ocidentais. Ganhador
do Prêmio Nobel de Literatura em
1992, publicou seu primeiro livro de
poemas em 1962. Também é autor
de mais de 30 peças.

RODRIGO GARCIA LOPES

nasceu em Londrina (PR), é poeta,
compositor, músico, tradutor e um
dos editores da revista Coyote. Este
ano lança seu segundo CD, Canções
do Estúdio Realidade, seu quinto
livro de poemas e seu primeiro
romance policial.
